

RIVISTA DELLE FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE

Da Mihi Animas

dmd

2020
ANO LXVII
trimestral

no coração da Contemporaneidade



Editore

Istituto Internazionale
 Maria Ausiliatrice
 Via Ateneo Salesiano, 81
 00139 Roma
 tel. +39 06872741
 fax +39 0687132306
www.rivistadma.org
editor@rivistadma.org
dmanews1@cgfma.org

Direttrice responsabile
 Mariagrazia Curti

Redazione

Maria Helena Moreira
 Gabriella Imperatore

Hanno collaborato
a questo numero

Julia Arciniegas, Luisa Nicolosi,
 Mara Borsi, Attilio Danese,
 Emilia Di Massimo,
 Giulia Paola Di Nicola,
 Mariano Diotto,
 Gabriella Imperatore, Elisa Molinari,
 Paolo Ondarza, Eliane Petri,
 Andrea Petralia, Veronica Petrocchi,
 Martha Séide,
 Célia Aparecida da Silva e
 Célia Regina Querido (tradutores).

Layout e grafica
 VICIS Srl

Impaginazione e tipografia
 VICIS Srl
 V.le delle Provincie, 37 - 00162 Roma
www.vicis.it

Edizione Extracommerciale

La revista **dma** è realizzata sobre
 carta ecológica certificada FSC,
 constituida de pura celulose e.c.f. e
 por un elevado conteúdo de fibras
 de recuperação (pele menos 25%).

foto Archivio FMA
 foto Shutterstock



Associata USPI
 Unione Stampa
 Periodica Italiana

SUMÁRIO

Editorial
 Em sinodalidade **01**

Dossiê
 É preciso um abraço! **02**

Edu@car
 Narrar para viver **12**



Horizonte família
 Leigos que
 ousam sonhar **16**

Fio de Ariadne
 Jogando a gente cresce **20**

Por uma nova
cidadania
 Cidadania
 planetária **24**

Em direção ao CG XXIV



44

Em êxodo
 Narrar a migração **28**



#mulher
 TherAsia **31**

Polifonia
 O desafio do Pacto
 Educativo Global **34**

#comosjovens...
em escuta
 Jovens e videojogos **37**



Comunicar
 Jogar
 é coisa séria **40**

Em direção ao CG XXIV
 A profecia do
 “caminhar juntos” **44**

Música
 A evolução dos sons:
 de instrumentos de
 diversão a jogos **47**

Cinema
 Cinema e videogames **50**



Literatura
 A vida
 após a Pandemia **53**

Camilla
 A caminho **56**

Dossiê



02

Concluir um ciclo é sempre aproveitar uma oportunidade para recolher as luzes imersas nas estradas percorridas. É poder voltar o olhar ao passado e colher o presente-futuro nos horizontes de uma nova normalidade.

É tempo de ressignificar o olhar, de fazer emergir a sua força comunicativa, a sua capacidade de colher aquilo que há além das aparências para entrar com delicadeza, no mistério do outro. A experiência do olhar reclama reciprocidade. O cenário contemporâneo nos convida a reafirmar o caminho iniciado do *alargar o olhar!* E quando estávamos mesmo para nos despedir do tema do CG XXIII fomos solicitadas a retoma-lo na sua plena atualidade.

Quantas experiências vitais contidas neste exercício de *alargar o olhar!* Um olhar *aberto* é aquele que se deixa interpelar pela realidade na sua plena autenticidade, despojando-se dos preconceitos para acolher o outro na sua essência. Um olhar *contemplativo* que repousa sobre o mundo visto como uma obra de arte, como um “texto” aberto por uma percepção plena de projetualidade, de possibilidade, de criatividade. Este olhar contemplativo vem do Espírito Santo. Com Ele entramos em *contemplação*, habitando o *Templo* Trinitário e d’Ele recebemos a sensibilidade comunicativa para visitar o templo que são os jovens e a imensa humanidade. *Alargar o olhar* é o convite a habitar com eles e a deixar-se habitar por eles para ser casa-morada de Deus para e com os jovens.

O olhar, definido como “*janela da alma*”, é, ainda hoje, a *janela* através da qual se reflete o olhar de Maria que, *olhando* a realidade do seu povo, deixou-se tocar pela aflição de um casal durante a festa de casamento. O olhar de Maria em Caná é o convite permanente para nos abrir a um olhar iluminado pelo Espírito, plasmado por Ele; um olhar sensível que se deixa tocar pelas esperanças e pelos desconcertos de ontem e de hoje.

Nos horizontes de uma *nova normalidade*, os olhares devem ser educados pelo Espírito Santo. Com os olhos do Espírito tocamos a realidade na sua mais profunda essência. O Evangelho da contemporaneidade é vivo nos clamores dos jovens, dos pobres, das imensas multidões de excluídos.

Para “*fazer tudo aquilo que o Senhor nos dirá*”, nas “novas núpcias contemporâneas”, são necessários os olhos sábios do Mestre; os olhos humildes e lúcidos dos servos; os olhos crentes dos discípulos; os olhos absortos por uma revelação profética, abraçados a uma esperança que não engana, que é justamente o Senhor e Mestre da história. Aquele que nos oferece uma visão de comunhão a respeito da vida. Um olhar sinodal porque em comunhão com todos, com a Trindade, para ser em grau de abraçar a realidade na sua inteireza salvífica. Os *olhares sinodais* de Emaús e de Caná se cruzam, a partir *de uma expectativa* (“Alguns dos nossos foram ao sepulcro e o encontraram como as mulheres haviam relatado, mas a Ele não viram” – Lc 24,24), e *de um desconcerto* (“Não têm mais vinho” – Jo. 2,3), o Senhor – o *Caminhante* e o *Vinho bom* – fortifica a esperança e a confiança de um Instituto que procurou caminhar com Ele, junto aos jovens e que a todos convida, neste momento histórico a olhar sempre os horizontes geradores de vida. O Espírito de Deus solicita a forjar um olhar sinodal para sermos capazes de assumir a atitude evangélica implícita naquele “*fazei tudo o que Ele vos disser*”, que nos levará ao encontro com Jesus, o Vinho Bom, presente nas faces dos excluídos deste nosso tempo.

Editorial

Em sinodalidade

Maria Helena Moreira, FMA

mhmoreira@cgfma.org

É preciso um abraço!

DOSSIÊ



Abraçar é inclinar-se na direção do outro, alargar os braços para acolher e ser acolhido. É sentir-se em um liame de fraternidade; sentir-se ligado, sustentados também quando se está só. É gesto de reciprocidade por excelência. É atravessar as distâncias sem podê-las jamais anular, unir-se sem se fundir para formar uma comunhão que não cancela as diferenças, mas é mais do que a soma de duas unidades. O abraço multiplica. É gesto de uma aliança que transforma a partir de dentro (Giaccardi Chiara).

Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@cgfma.org

Abraçar um mundo que não tem confins, que exige atenções e cuidados comuns. Um mundo que é preciso habitar em *estilo sinodal*, a fim de que se torne sempre mais uma “casa comum”, para todos. Não é uma veste externa a sinodalidade. Ela tem um significado misterioso, contido naquela pequena preposição: *syn*, juntos, fruto e condição da vinda do Espírito Santo, que ama a unidade e a concórdia. A sinodalidade surge a partir de baixo. Começa com a escuta, na qual cada um tem algo a aprender do outro, na vontade de colocar-se em sintonia, de acolher-se reciprocamente. Transparece na linguagem e no comportamento, nas relações, nas escolhas, no modo ordinário de viver. É geradora, a sinodalidade. Aproxima-se da realidade na disponibilidade de aprender e envolver-se.

“
Contemplar é conceder-se tempo para fazer silêncio, para rezar, de modo que na alma retorne a harmonia. É preciso olhar nos olhos aquele que temos ao nosso lado e a criação que nos foi doada (Papa Francisco).
”

É preciso coragem para abrir espaços onde todos possam se sentir chamados para promover novas formas de *hospitalidade, fraternidade, solidariedade*, para dar forma a novos estilos de *cooperação e governança*, para abraçar o Planeta e todos os povos.

Do viver a *sinodalidade* no Instituto FMA hoje, depende o futuro da missão salesiana. A *sinodalidade* se traduz na vocação da pessoa humana a viver a comunhão que se concretiza no dom sincero de si, na união com Deus, e na unidade com os irmãos e as irmãs em Cristo. A *sinodalidade* requer o envolvimento e a participação de todos a serviço da missão. O Instituto FMA é chamado a atuar em sinergia sinodal o carisma das origens para discernir as vias da evangelização, na escuta da voz do Espírito. A dimensão sinodal do Instituto FMA se expressa através da animação e do governo de participação e de discernimento capazes de manifestar o dinamismo de comunhão que inspira todas as decisões institucionais em sinergia com a Igreja e o Território.



“
O bem comum requer a participação de todos. Se cada um fizer a própria parte, e se ninguém for excluído, poderemos regenerar boas relações em nível comunitário, nacional, internacional e, também, em harmonia com a ambiente
”
(Tweet do Papa Francisco).

■ Abracemos a Terra

O descuido da criação e as injustiças sociais se influenciam reciprocamente e, portanto, é lícito dizer que “não há ecologia sem equidade e não existe equidade sem ecologia” (Papa Francisco no encontro com as Comunidades *Laudato si'*, Vaticano 12 setembro 2020). No criado tudo está em relação, tudo está conectado e é dever de todos salvaguardar a casa comum, combatendo na raiz as causas das agitações em ato e com visão projetual, “trabalhar hoje pelo amanhã de todos” os jovens e os pobres. É preciso admirar e contemplar a natureza. Realizar escolhas que conjuguem progresso e equidade, desenvolvimento e sustentabilidade para todos, a fim de que ninguém seja privado da terra que habita, do ar bom que respira, da água que tem direito de beber e do alimento que tem direito de comer. Urge “trabalhar como e a modo de irmãos” para construir uma fraternidade universal. Este ano, a pandemia COVID-19 evidenciou o quanto seja interligado o mundo. Conscientizamo-nos, como nunca, de que não somos isolados uns dos outros e que as condições para a saúde e o bem estar humano são frágeis. Os impactos da pandemia exigem que se leve a sério a necessidade de uma vigilância e de condições de vida sustentável em toda a Terra.

■ O tempo da Criação

Os cristãos de todo o mundo celebram o 1º de setembro como o *Dia da Criação* (Dia do Universo). O Tempo do Universo remonta às raízes da fé cristã. A criação é um dom de Deus para a humanidade e para todos os seres vivos, é, pois, responsabilidade de todos protegê-la, como bons e confiáveis administradores e como fieis servidores de Deus. “*Do Senhor é a terra e tudo o que ela contém: o mundo, com seus habitantes*”. (Sal 24, 1). Papa Francisco, na Encíclica *Laudato Si'*, evidencia que “o desafio urgente de proteger a nossa casa comum compreende a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral”. Ao mesmo tempo, faz um forte apelo “a renovar o diálogo a respeito do modo como estamos construindo o futuro do Planeta. Precisamos de um confronto que nos una a todos, porque o desafio ambiental que vivemos e suas raízes humanas, nos dizem respeito a todos”.

Juergen Moltmann, Teólogo contemporâneo, diz que “hoje, o adversário teológico é o nihi-

lismo praticado nas nossas relações com a natureza” e pede “um discernimento sobre Deus que está presente na criação através do Seu Espírito Santo”, um discernimento que “pode levar homens e mulheres à reconciliação e à paz com a natureza”.

A celebração do *Tempo da Criação* tem uma dimensão ecumênica significativa. Celebrar estes dias como *Jubileu pela Terra* ressalta a necessidade de um equilíbrio justo e sustentável entre realidades sociais, econômicas e ecológicas. O ensinamento do jubileu bíblico indica a necessidade de reequilibrar os sistemas de vida, afirma a necessidade de igualdade, justiça e sustentabilidade, de uma voz profética em defesa da *casa comum*.

O ponto é, portanto, passar ao encontro com o outro, oportunidade da qual nascem as ideias que tecem o bordado de uma existência. Talvez este tempo seja um aprendizado. Servirá para abraçar de novo a Terra: esquecida, violentada, desfrutada. E somente quando se puder abraçar a Terra, obedecer-lhe, os irmãos poderão abraçar-se.





■ Abracemos os irmãos

O Arcebispo sul-africano e Prêmio Nobel da Paz **Desmond Tutu**, recorda o princípio filosófico ‘subsaariano’ **Ubuntu** “*eu existo porque nós existimos*” e explica: «Nós somos humanos graças à interdependência entre um e outro». Precisamos das pessoas para ser nós mesmos plenamente. Somos feitos para a inter-relação. Somos humanos porque nos imergimos na experiência de vida dos outros seres humanos». *Ter cuidado com o outro*, é aquilo que somos chamados a fazer neste momento que chegou a nós inesperadamente, exigindo mudanças totais de hábitos de pensamento e de ação. A marcha Perugia-Assis, que irá acontecer no 11 outubro de 2020, é um apelo ao empenho pela paz e hoje, em tempo de Covid, é ainda mais urgente, é ainda mais necessário haver construtores de paz, irmãos e irmãs que assumam a responsabilidade de pensar e de construir paz. Uma corrente humana será um chamado ao empenho pela paz, que deve ressoar no coração e nas mentes de todos porque é preciso *fraternidade humana* para construir um pouco de paz na Síria, na Líbia, no Yemen, em tantas partes da África e da América, na Bielorrússia, na Turquia, na Palestina; para os 70 milhões de migrantes, para as famílias que hoje vivem na incerteza devido à crise econômica e a perda da possibilidade de emprego. O símbolo da unidade e da fraternidade a ser relançado será o fio que cada um levará e ligará àquele dos outros, como empenho a permanecerem unidos e tecerem relações fraternas.

■ Todos irmãos

É o título que o Papa Francisco escolheu para a nova encíclica dedicada à “*fraternidade*” e à “*amizade social*”. As primeiras palavras da nova *Carta circular* são inspiradas no Santo de Assis. O Sucessor de Pedro pretende dirigi-las à humanidade inteira e irá firmar o documento no 3 de outubro de 2020 no túmulo de São Francisco. Papa Francisco escolheu as palavras do Santo de Assis para inaugurar uma reflexão sobre a fraternidade e amizade social, com a qual deseja dirigir-se a todas as irmãs e irmãos, a todos os homens e mulheres de boa vontade que povoam a terra. A todos, de modo inclusivo e jamais excludente. Vivem um tempo marcado por guerras, pobreza, migrações, alterações climáticas, crises econômicas, pandemia; reconhecer naquele que se encontra um irmão e uma irmã e, para os cristãos, reconhecer no outro que sofre a face de Jesus, constitui um modo de reafirmar a irredutível dignidade de cada ser humano criado à imagem de Deus. Este é um modo de recordar que, a partir das dificuldades do tempo presente, não se pode jamais sair sozinhos. No cume da pandemia, o Bispo de

“
O cuidado é a Bússola a ser
seguida para construir uma
corrente humana de paz e
fraternidade.
”



Roma havia rezado pela salvação de todos: «Com a tempestade caiu também o truque daqueles estereótipos com os quais mascaravam os nossos “egos” sempre preocupados com a própria imagem e ficou descoberta, ainda uma vez, aquela (bendita) pertença comum da qual não podemos nos subtrair: a pertença como irmãos».

■ Fraternidade e amizade social

Um tema central da Encíclica é este “bendita pertença comum” que torna todos irmãos e irmãs. *Fraternidade e amizade social* indicam aquilo que une homens e mulheres, um afeto que se instaura entre pessoas que não são consanguíneas e se expressam através de gestos benévolos como forma de ajuda em todo momento. Um afeto desinteressado para com os outros seres humanos, sem olhar para diferenças e pertenças.

Da barca na qual nos encontramos, todos têm oportunidade de aprender a estar junto, mirando além. Lá onde vibra a esperança que nasce

do desejo de comunhão, de construir a sinodalidade. O medo desaparece quando se percorre a estrada da compaixão, da empatia e do respeito, da gratuidade e da solidariedade.

A experiência deste tempo inédito ensina que é preciso abraçar o outro para voltar a construir um mundo no qual nada é desprezado e os valores são elevados para o bem da comunidade.

“*Quem pode, coloque algo; quem não pode, pegue*”. Esta frase escrita em uma folha, pendurada em uma cestinha, em um beco de Nápoles (Itália) é o sinal tangível do cuidado, do sermos todos irmãos. Nesta simples afirmação popular está o mistério da beleza do ser e aquilo que se pode ser.



“

O pátio é o lugar do encontro entre os jovens e Deus, é a terra sagrada da encarnação do carisma salesiano em todos os tempos e situações.

”



■ Abracemos um sonho

Sinodalidade envia inevitavelmente aos jovens. A paixão educativa impulsiona a fazer crescer neles o desejo de protagonismo, de tecerem redes comunitárias e relacionais.

“Estou convencido de que os jovens tenham ajudado a Igreja a redescobrir a sua natureza sinodal, porque nos pediram de mil maneiras para caminhar ao lado deles: nem atrás deles, nem à frente dos mesmos, mas ao lado deles!” (Papa Francisco, Sínodo dos jovens).

A sinodalidade leva diretamente à educação que é um esporte de equipe. Dom Bosco e Madre Mazzarello pensaram as casas salesianas como ambientes de família onde cada um poderia sentir-se na própria casa, um espaço rico de propostas envolventes: um verdadeiro “ecossistema educacional” onde se cria um clima favorável para o crescimento humano e espiritual. *“Eis o teu campo, eis aí onde deves trabalhar”*. Um sonho tornou-se realidade! A experiência de pátio é um apelo a sair, para fazer de cada lugar um ambiente educativo, no qual estar com os jovens.

A Pandemia do Covid-19 realçou uma evidência: a presença *entre e com* os jovens no ambiente digital, hoje torna ainda mais vital e fecunda a proposta salesiana da *“pedagogia do ambiente”*. Os novos pátios dos *‘social network’* são o espaço dos valores nos quais viver a aventura educativa, o espírito de família, a partilha, o diálogo, o tecer junto uma rede de relações solidárias que envolve e cria conexões próximas e distantes.



“Atrás das portas fechadas das nossas casas, das nossas escolas, dos nossos oratórios e Centros Juvenis...há corações que vivem por ti”.

Queridos jovens,
são meses de longa distância! Nossas casas estão fechadas pela situação concreta da Pandemia do Covid-19 que o mundo todo está vivendo. Neste momento inédito para além das portas fechadas das Casas, das Escolas, dos Centros Juvenis, dos Oratórios...há corações que pulsam por vocês. Nestes dias, passeando nos pátios, escutando o silêncio...pensamos em vocês!

Queridos jovens,
Estamos distantes fisicamente uns dos outros, mas não perdemos a esperança, não será assim para sempre. Seus nomes e suas faces estão escritas nos nossos corações. Em todas nossas comunidades, nos une a oração por vocês, por suas famílias e por toda a humanidade; por aqueles que sofrem devido à doença ou que perderam pessoas queridas atingidas pelo vírus...e não nos esquecemos de todos os voluntários e os médicos. Permanecendo em casa neste

período nós os convidamos a acolher o desafio da cidadania responsável, porque os gestos concretos de solidariedade e de misericórdia constituem a força da missão salesiana.

Queridos jovens,
sintam-se prontos para voltar às nossas escolas, ao nosso Oratório...casa de vocês! Aqui estamos sonhando ver vocês felizes agora e na eternidade! Nossas portas dentro em breve se reabrirão! Suas risadas irão ecoar novamente em nossos pátios! Seus sorrisos alegrarão, ainda uma vez, nossas jornadas! Voltaremos a nos divertir e estudar e será mais forte nossa ligação porque rica do amor de Deus. Confie em Maria Auxiliadora como D. Bosco nos ensinou a rezar nos tempos difíceis. Madre Mazzarello, em uma de suas cartas, escreve: “Embora um mar imenso nos separe, podemos nos encontrar e estar próximas (os) umas (uns) das (os) outras (os) em todo momento, no Coração de Jesus. Ali podemos nos encontrar e, assim, nossos corações estarão sempre unidos!

(cfr. Carta às jovens, de uma FMA da Inspeção Nossa Senhora da Esperança da África Leste - AFE, durante o lockdown)

Toda a vida dos jovens é marcada por sonhos que vão tomando corpo, a partir das relações que adquirem sempre maior consistência e equilíbrio, de tentativas e experimentos, de escolhas que constroem gradualmente um projeto de vida. “*Jovens, não renunciem ao melhor de sua juventude, não observem a vida da sacada. Não sejam carros estacionados, deixem, ao invés, desabrochar os sonhos e tomem decisões. Vivam! Dedicuem-se ao melhor da vida*” (Christus vivit, 143). Estas palavras valem para todos, se desejamos permanecer jovens, em relação ao carisma! É preciso

sair, arriscar, entrar na lógica do êxtase da vida: a certeza é uma só: a melhor defesa é o ataque! «Que tu possas viver sempre mais aquele “êxtase” que consiste em sair de si mesmo para procurar o bem dos outros, até a dar a vida» (Christus vivit, 163). Sair e abraçar com amor procurando o bem, com os jovens, porque junto tudo é mais fácil. É preciso um abraço que envolva o mundo, que acolha o sonho de criar relações profundas, capazes de dar sentido ao viver junto, à responsabilidade de cuidar do ecossistema que todos acolhemos como berço da vida.

É preciso de Massimiliano Padula

É preciso *um abraço*: aquele da humanidade para a humanidade. É preciso *esperança*: que não é expectativa vazia, mas é fonte inesgotável de vida e futuro. É preciso *fé*: em Deus e na boa vontade de alguém que escolhe contribuir. É preciso *tempo*: que não quer dizer falta de suporte e adiamento, mas paciência e espera pela beleza que será. É preciso *coragem*: que significa ser disponíveis, empenhar-se e projetar o amanhã. É preciso *criatividade*: sinônimo de pessoa e de toda a novidade de que é capaz. É preciso *comunidade*: para

consolidar o sentido de pertença, reforçar o espírito de solidariedade e ultrapassar egoísmos e interesses pessoais. É preciso *família*: é necessário protegê-la para não ceder às bajulações confortáveis do estéril individualismo. É preciso *educação*: com seus mestres e seus estudantes, juntos para crescer no estupor. É preciso *cuidado*: aquele que médicos, enfermeiros e sanitaristas doam constantemente. É preciso uma *vacina*: para proteger o corpo da doença, mas também da indiferença. É preciso *política*: que afaste finalmente rigorismos burocráticos e se torne – como sugeriram Dom Sturzo e Paolo VI – um “ato de amor” e “a mais alta forma de caridade”. É preciso *comunicação*: não somente meios, tecnologias, plataformas e algoritmos, mas sobretudo, proximidade, relação, conhecimento, essencialidade. É preciso *paz*: que nasça dentro e se reflita fora, em todo território de desencontro e alteração da verdade.

São necessários *homens*. E sobretudo mulheres que sejam mães de reflexões nascidas da própria competência. É preciso um *Papa*: se chama Francisco, sozinho consegue preencher uma praça vazia oferecendo-nos a carícia da sua oração.

(Massimiliano Padula, jornalista e professor).



Narrar para viver

Mara Borsi, FMA
mara@fmails.it

Se a representação escrita ou impressa das palavras pode ser semelhante a uma etiqueta, as palavras verdadeiras, faladas, não o são. A narração é um conceito transversal à oralidade e à escrita, ela é conatural à pessoa humana; não há indício de civilização que não tenha usado a narração. Esta atravessa as culturas, as épocas, os lugares, está presente desde sempre e, talvez, estará sempre presente, tanto que se pode dizer que com o nascer da socialidade, da relação inter-humana, nasceu a narrativa que, junto com a relacionalidade, é elemento presente desde sempre.

A narração suscita automaticamente uma coligação mental com a oralidade; evoca em nós a impressão de alguém que fala e alguém que escuta; não se pensa, habitualmente, em uma narração entendida como leitura individual e silenciosa.

A narração se configura, portanto, como um momento de suspensão do real que delinea os contornos da suspensão do presente para projetar-se no passado, mítico ou real, no futuro ou na irrealidade.

Francois Lyotard, no livro *A condição pós-moderna*

fala da preeminência do pensamento e da forma narrativa na construção do saber, nas civilizações mais avançadas com relação ao saber científico, atribuindo a função de transmissão e de elaboração do conhecimento à narrativa.

■ Narração e formação

Se à função formativa se atribui, na nova ótica da formação contínua, um valor de *empowerment* individual, de implementação das capacidades de redução da complexidade ou pelo menos de “governo” da própria complexidade, se é verdade, como afirma Daniel Taylor, que cada um é produto das histórias que ouviu, viveu e também daquelas que não viveu, então resulta inevitável nos contextos formativos encontrar espaços à narração, como objeto, instrumento e sujeito do processo formativo.

A contribuição da pedagogia narrativa é fundamental. Todavia isto não significa simplesmente implementar o uso da narração através de histórias, romances, contos na educação; a narração não é objeto, mas sujeito do percurso educativo, ou seja, o narrar como forma constitutiva da elaboração pedagógica. Quer dizer: *educar narrando*, dar uma função narrativa ao percurso educativo, conceber a educação não só como tempo e lugar das explicações, da transmissão do conhecimento, mas também como escuta recíproca entre sujeitos narrantes cuja identidade é antes de tudo uma identidade narrativa.

■ Espaço e tempo para a vida

Hoje se tem “sede” de narração porque na narração se descobre espaço e tempo para a própria vida. A formação, portanto, não pode renunciar à própria dimensão intrinsecamente narrativa, em pelo menos três direções:

- Uma formação composta essencialmente de narração, que saiba valorizar a dimensão narrativa dos “conteúdos”: narrar a empresa, narrar a motivação, narrar a comunicação e, até narrar a informática.
- Uma formação pedagógica especialista na análise das narrativas, preocupada em manter atentas as capacidades narrativas da comunidade civil, que objetiva ensinar a escutar

e a produzir narrações. Eis aí a educação à memória, a uma memória coletiva socialmente legitimada como chave de leitura também de períodos de crise.

- Uma formação ao diário, à autobiografia que não é só um modo de narrar-se, um desvelar em perspectiva narcisística, ou uma explicação/justificação *post hoc* das escolhas realizadas no curso da existência. De fato, escrever a própria história é um modo para aprender algo de si. Escrevê-la para que seja lida, é um modo para formar outras pessoas na compreensão de si.

Três direções, que são também motivações, e podem ser assumidas pela formação como próprias, a fim de que comecem a narrar histórias e não se tenha receio, em tantos ambientes, de narrar, de lançar as bases também de narrações que tenham a pretensão de não explicar algo, mas de acrescentar sentido.

■ Memória perigosa e história aberta

Pela fé bíblica a narração dos gestos heroicos de redenção realizados pelo Senhor é “memória perigosa”, capaz de atualizar no presente a salvação de Deus. A narração se revela particularmente adequada a levar a sério a história humana e a mediar de maneira significativa a história salvífica, abrindo futuro e, de certo modo imprimindo no presente o amanhã prometido.

Para que assim seja, a narração deve ser vivida como “história aberta” que devolve a um antes, feito de expectativa e de esperança, e se abre a uma continuação na vida de quem narra e de quem escuta. (cfr. Bruno Forte 2008).

A referência decisiva à narração, tanto pela comunicação de ideias, quanto pelo específico, transmissão da fé, é inseparável da mediação interpretativa que deverá sempre levar em conta três elementos: a estranheza entre o narrador e aquilo que é narrado, a correspondência entre eles e a necessária “fusão de horizontes” entre o “narrado” de uma parte e o “narrador” e os interlocutores da narração.

A história une narrador e interlocutor se ela se afasta do envolvimento e transformação do coraço. O que está em jogo em uma comunicação narrativa é, enfim, a pessoa em toda riqueza



das suas potencialidades e relações, a partir da relação fundamental que dá vida, amor: por isto Santo Agostinho evidencia como é a força preventiva do amor ao comunicar a alegria e a graça da qual se faz memória na narração: «Não há maior convite ao amor do que o prevenir no amor» (A. Mura, S. Agostino. *De catechizandis rudibus*, La Scuola, Brescia 1971).

Ai se perder, narrando, o sentido excedente da vida e da história real, em relação a toda estratégia comunicativa: narrar não é dizer tudo, mas convidar a um além, a um encontro que somente a experiência direta revela.

Não se perca nunca de vista também, a pertença comum entre o narrado e o narrador, que é fundada sobre a unicidade da história da qual todos fazemos parte: como a fé é comunicável enquanto responde a uma nostalgia de verdade presente no coração de todo homem, assim todo narrar autenticamente comunicativo faz apelo à inquietação que dispõe todo ser humano à procura e ao encontro com o outro em todo tempo e lugar. Diversos na riqueza, os humanos são solidários e próximos na radical pobreza do existir, que é silêncio, pergunta, expectativa (cfr. Bruno Forte 2008).

NARRAÇÕES PELA VIDA

As histórias nos ajudam a viver porque nascem da própria vida

Sombras na neblina

O Mar Mediterrâneo «Vocês o conhecem?..» pergunta Paola, a professora a seus alunos. Ecoaram os “sim” excitados das crianças. Tarek permaneceu imóvel, não conseguiu pronunciar qualquer frágil sim. O Mar Mediterrâneo: certo que Tarek o conhecia! Ele o havia conhecido pessoalmente pois foi mesmo graças àquele mar que podia estar ali na escola e acompanhar aquela lição de ciências.

Recordou-se que era à noite que tudo lhe parecia mais suportável: apertado entre os quentes braços da mãe, erguia o nariz e contava as estrelas. Certo é que antes ou depois teria conseguido contá-las todas e assim, um dia, iriam recordá-lo como aquele que havia contado todas as estrelas do céu. Tarek se lembrou, por exemplo, daquela noite na qual o céu devia estar tão triste, mas tão triste, que chegou a chorar um número interminável de lágrimas a ponto de parecer querer fazê-los afogar, mais do que no mar, dentro de sua própria embarcação, já tão apertada, tão suja e repleta de gente de faces tristes e espantadas. Naquela noite Tarek não pode contar as suas estrelas, seja porque o céu não se deixou ver, seja porque ficou o tempo todo junto aos outros companheiros de viagem, a jogar fora do barco todas as lágrimas que entupiam todo ângulo livre, no caso de ser possível encontrar algum.

Recordou-se, então, de outra noite em que não conseguiu contar as estrelas. Foi aquela que chamaram de a mais bela; mas ele entendeu só depois o porquê. Aquela noite o céu estava cinzento, impregnado por uma camada úmida e pegajosa, que não deixava ver para além da ponta do próprio nariz. Havia uma agitação na barca. Também sua mãe estava diferente daquilo que habitualmente era. Ela o apertava fortemente a si, ao ponto do pulsar dos corações de ambos formar uma única pulsação. Ele, porém, queria liberar-se um pouco para encontrar um ponto no qual pudesse ver as estrelas. Ela, porém, o apertava tão fortemente de modo a impedir qualquer movimento. Mas, de repente...

«Mamãe, olhe, aquela estrela é grandíssima! Por que é tão próxima, segundo você?» insistiu ainda. Desta vez a mãe conseguiu ouvir suas palavras e com amabilidade lhe respondeu: «Meu pequeno Tarek, aquela luz é a estrela que veio nos salvar ».

Tarek compreendeu somente mais tarde como uma estrela pudesse salvar as pessoas, mas naquele momento lhe bastou saber que, pela primeira vez, uma estrela houvesse descido do céu para saudá-lo de perto.

Mais a estrela se aproximava, fendendo a nuvem opaca com seu foco luminoso, mais aumentavam os gritos, as orações e a agitação no interior da barca. Havia assim tanto movimento que Tarek não entendia se aquela agitação era devido ao rumor das ondas do mar ou à impaciência incontrolável de seus companheiros de viagem. Achevou-se fortemente à sua mãe e cerrando os olhos, dirigiu todos os seus pensamentos à estrela que havia descido de céu para saudá-lo.

«Tarek, Tarek! A professora está falando com você. Tarek, responde!» lhe soou no tímpano a voz impaciente de seu companheiro de banco, que parece tê-lo acordado de um sono entorpecido.

«Oh” . . . ”. que é?» e logo retomou «Sim, senhora!”..».

«Eu te perguntava, Tarek, qual entre os quatro elementos, é o teu preferido.»

E ele, não pensando nem por um momento lhe respondeu: «A água! Sem dúvida alguma: a água!» e continuou «De fato, sem água não existiria a vida; certamente não existiria a minha família, nem aquelas pessoas que amo» e enquanto pronunciava estas palavras, que pelo menos ressoaram como insensatas, o soar da campainha anunciou o fim das aulas. «Até amanhã, crianças!» disse a professora, inclinada a recolher todo o seu material.

«Até amanhã, senhora professora!» fizeram eco os gritos festivos dos alunos para os quais outro dia de aula havia finalmente passado.

Também Tarek, no seu coração estava contente: aquele correr regular e tranquilo do tempo era o motivo pelo qual ele, assim como sua mãe e qualquer outro companheiro de viagem, havia enfrentado as grandes insídias de um mar azul que, à noite se tingia de preto, engolindo na escuridão nomes, faces, temores e esperanças.

(Barbara Lanza, Ingegnere informatico vocata ad attività educative. Educare.it - Anno XVII, N. 6, Giugno 2017)



Leigos que ousam sonhar

Giulia Paola Di Nicola - Attilio Danese
danesedinicola@prospettivapersona.it

Sinodalidade é caminhar junto e participar da missão evangelizadora da Igreja. Portanto Igreja em saída – Laicato em saída. Há necessidade de leigos formados, animados por uma fé aberta e límpida, cuja vida foi tocada pelo encontro pessoal e misericordioso com o amor de Cristo Jesus.

“Eu tenho dito aos jovens – comenta Papa Francisco – que temos necessidade de leigos com sabor de experiência de vida, leigos que ousam sonhar”. Sabe-se que Jesus, no seu tempo, foi um leigo-sacerdote e um sacerdote-leigo. O Novo Testamento, por um lado sustenta que Ele é o único Sacerdote do mundo, e por outro lado, atesta que aos olhos dos contemporâneos Ele se apresentava como um leigo, sacerdote de modo totalmente diverso do passado. De fato, Ele que era um descendente da tribo de Judá, vestia-se como aos Hebreus comuns, não com as

“Todos os fiéis leigos, filhos da Igreja, devem ser ajudados para que cresçam, colocando os próprios dons a serviço de novas missões na sociedade, na cultura, na política, enfrentando sem temor os desafios que o mundo contemporâneo traz”.

vestes sagradas. Usava uma túnica inconsútil – tecida provavelmente pela sua mãe- e considerada desejável, pois foi lançada à sorte pelos Romanos. Não resulta que tenha entrado alguma vez no Santuário para cumprir os ritos sacerdotais segundo a lei: «Mudado o sacerdócio, acontece necessariamente também uma mudança da lei”. Isto se diz de quem pertence a outra tribo, da qual jamais alguém foi admitido ao altar. É conhecido, de fato, que o Senhor nosso é descendente de Judá e desta tribo Moisés não disse nada a respeito do sacerdócio» (Hb 7,12-14).



Consequentemente, os exegetas sublinham que o sacerdócio de Jesus não é ligado aos ritos como aquele levítico («Era necessário, que surgisse um outro sacerdote à maneira de Melquisedeque, e não, ao invés, à maneira de Arão», Hb 7,11), mas ligado à oblação da própria vida: «não se tornou tal por razão de uma prescrição carnal, mas pela potência de uma vida indefectível» (Hb 7,16).

Uma vida *indefectível* é aquela que todo cristão aspira viver na imitação de Cristo, que lhe transmite o seu sacerdócio essencial e 'existencial'. Para cada crente, para cada família cristã é importante que, aplicando as próprias energias e assumindo específicas responsabilidades, seja consciente de exercitar o sacerdócio de Jesus. Isto vale para as mulheres e os homens chamados no matrimônio a testemunhar a unidade entre eles e com a Videira da qual extraem a linfa. Todos os cristãos, leigos, religiosos e clero são chamados a viver em união com o sacrifício de Jesus.

Todos ingressam na Igreja como leigos. O primeiro sacramento, aquele que certifica para sempre a identidade dos fiéis é o batismo. Através dele e com a unção do Espírito Santo (os fiéis) "são consagrados para formar um templo espiritual e um sacerdócio santo" (*Lumen Gentium*, n. 10).

A primeira e fundamental consagração tem suas raízes no batismo. Ninguém foi batizado sacer-

dote, nem bispo. Todos são batizados como leigos e é este o sinal indelével que jamais alguém poderá cancelar.

Há períodos, como este do coronavírus, no qual não é possível ir à Igreja e receber os Sacramentos. É oportuno recordar a admiração dos Hebreus pelo templo e Jesus que indica justamente o seu corpo como o templo no qual habita o Espírito: «Destruí este templo e em três dias o farei ressurgir». O Evangelista explica: «Ele falava do templo do seu corpo» (Jo 2, 19-21). Se o templo precisa até ser destruído (como aconteceu após duas décadas), se as funções e os ritos poderiam ser impedidos por alguma razão, o Seu corpo teria continuado a hospedar Deus. Poderia ser somente abatido, mas teria triunfado sobre a destruição. Aquele templo, escreve São Paulo, daqui para frente será edificado com pedras vivas que são os cristãos habitados pelo Espírito e tornados capazes de oferecer a si mesmos (1Pd 2,4-10) como mediação entre o mundo e Deus. Tudo se transforma em Cristo, obra sacerdotal, porque seu corpo e o dos cristãos, em suas diversas manifestações de vida e até a morte, estão unidos na Eucaristia. Este é o novo sacerdócio universal.

Há necessidade de cristãos, leigos, religiosos, clero, capazes todos de continuar a vida de Jesus no mundo. As famílias cristãs, fundadas justamente sobre a aliança, entre um homem e uma mulher, abençoada por Cristo, são particularmente aptas a criar liames autênticos com todos e contribuir para a reconciliação do mundo com Deus. Tecendo e rete-

cendo a tela das relações, gerando alianças com os próximos e os marginalizados das periferias, contribuem a transformar um amontoado de indivíduos, espalhados e litigantes, em um povo e constroem o templo no qual Cristo ama habitar. O mundo pós-moderno contemporâneo leva cada um a livrar-se das restrições rigorosas do passado, a não apoiar-se sobre estruturas, a converter-se sempre de novo. Na carta à Comissão para a América Latina, de abril de 2016, endereçada ao Card. M. Quillet Papa Francisco lamentou que as esperanças suscitadas pelo Concílio, se mostraram, em diversos aspectos desconsiderados em relação ao modo de viver a eclesiologia: «Recordo agora a famosa frase 'é a hora dos leigos' Parece, porém, que o relógio tenha parado". Geramos uma elite laical, crendo que sejam leigos engajados somente aqueles que trabalham em coisas dos 'padres' e esquecemos o crente que muitas vezes queima sua esperança na luta cotidiana para viver a fé".

As famílias são frequentemente impedidas de evangelizar. A fecundidade do seu cristianismo deve poder desenvolver-se nas dinâmicas concretas em que vivem e nas quais exercitam sua criatividade e caridade: grupos de auxílio recíproco, comunidades solidárias, associações ativas na sociedade, no político e no eclesial. Em todo lugar podem favorecer relações fraternas em vista de uma sociedade familiar. Um casal unido testemunha com os fatos, solidariedade, dignidade, unidade e assim, gera ao derredor aquela "civilização do amor" tão desejada por Paulo VI. Gerar exige a capacidade de doar-se sem invadir, de estar presente e desaparecer, o que vale para a família como para o clero.

Especifica Papa Francisco: «Faz-nos muito bem recordar que a Igreja não é uma elite de sacerdotes, de consagrados, de bispos, mas, que todos formamos o santo povo fiel de Deus. "Esquecer-nos disto comporta riscos

e deformações na nossa própria experiência, seja pessoal, seja comunitária, do ministério que a Igreja nos confiou».

Este apelo à humildade reconhece que ele não tem receitas pré-confeccionadas para resolver problemas e ditar comportamentos: «Não será nunca o pastor a ter que dizer ao leigo aquilo que ele deve fazer e dizer, ele o sabe tanto ou até melhor do que nós. Não é o pastor que deve estabelecer aquilo que os fiéis devem dizer nos diversos âmbitos».

As Comunidades Educativas, que vivem em meio ao povo, como estão estimulando e promovendo a caridade e a fraternidade, o desejo do bem, da verdade e da justiça.

É preciso reconhecer que o leigo pela sua realidade, pela sua identidade, porque imerso no coração da vida social, pública e política, porque participa de formas culturais que são constantemente geradas precisa de novas formas de organização e de celebração da fé.

É necessário imaginar espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas para o povo. É impossível pensar que os pastores tenham o monopólio das soluções para os múltiplos desafios que a vida contemporânea apresenta.

Somente com esta liberdade é possível ser criativos no enfrentamento dos desafios da história e da Igreja e, ao contrário, se esta liberdade não é concedida, muitos a prenderão de fato. Vale um pouco mais a confiança no Espírito: «Confiemos no nosso povo, na sua memória e no seu 'olfato'; confiemos que o Espírito Santo age em e com ele; não é só 'propriedade' da hierarquia eclesial».

É significativo o paralelo que o Papa Francisco faz entre os sacerdotes e as avós e mães de família que gozam em ver crescerem os filhos e os netos: «a nossa função, a nossa alegria, a alegria do pastor está mesmo no ajudar e no estimular, como fizeram muitos antes de nós, mães, avós e pais, os verdadeiros protagonistas de história". Não se trata de uma concessão nossa, da nossa boa vontade, mas de direito e estatuto próprio. Os leigos fazem parte o Santo Povo fiel de Deus e, portanto, são atores e interlocutores da Igreja e do mundo».



Jogando a gente cresce

Luisa Nicolosi, FMA

lunicolosi@tiscali.it

O jogo é considerado uma necessidade existencial para o ser humano que graças a isso, forma a própria personalidade, desenvolve o espírito de cooperação, socialização e autocontrole. Em todas as idades seria preciso dedicar um justo tempo para atividades lúdicas porque permitem o relaxamento, a descarga de tensões, do stress, recuperando energias úteis às atividades do trabalho.

A palavra ‘jogo’ deriva do latim *iocus* que significa “brincadeira”, “zombaria” e se refere a algo que une todos, grandes e pequenos; de fato todos gostam de jogar, brincar! O jogo nasce como um complexo de práticas, regras, técnicas e construções mentais, que ajudam a estruturar o tempo, a divertir-se e a dar um toque lúdico à realidade.

■ O jogo e suas funções

O jogo tem diversas funções sintetizadas em algumas palavras-chaves:

Comunicação: o jogo é um ato comunicativo porque pressupõe a presença do outro, real ou imaginário. Isto permite distinguir, segundo Winnicott, entre imaginação e extravagância: a *fantasia imaginativa* enriquece a vida com novos significados e oferece novas sugestões para a ação; a *extravagância*- o devaneio- é fruto de um isolamento que inibe chegando a interferir no equilíbrio psíquico da pessoa e nas atividades cotidianas.

Regras: não existe um jogo sem regras. A regra é o pressuposto da criação do jogo e se pode comparar à estrutura da língua que permite a interlocutores de se comunicarem. Nas crianças, a consciência do respeito às regras a partir do jogo, permite compreender seu nível de aprendizagem.

Transmissão: diz respeito à transferência de um saber, de conhecimentos e noções de um jogador a outro; em todas as culturas, de fato, há jogos típicos que se transmitem entre gerações.

Evolução e socialização: a sociologia contemporânea retém que atitude lúdica é capaz de fazer evoluir a coletividade na socialização, cooperação e competitividade construtiva. Na época digital,

por exemplo, se assiste ao aumento dos jogos virtuais e dos videogames interativos.

Aprender a tornar-se grande: a capacidade de saber jogar, a modo de adultos, transforma-se em capacidade de saber trabalhar, uma vez que, entre os dois âmbitos encontramos paralelismos significativos e as mesmas condições básicas, como:

- a capacidade de controlar impulsos agressivo-destrutivos e transformá-los em construtivos;
- a capacidade de levar avante planos preestabelecidos, para além dos resultados do prazer imediato, tolerando as frustrações momentâneas, em vista do resultado final;
- a capacidade de passar do ‘*princípio do prazer*’ (fonte de gozo egocêntrico) ao ‘*princípio da realidade*’, que permite viver o prazer respeitando as regras sociais.

■ Jogar é aprender

As pesquisas, em campo pedagógico e psicológico, têm mostrado com, por meio do jogo, particular-

mente o jogo simbólico, a criança pode amadurecer competências cognitivas, afetivas e sociais. Através do jogo, de fato, a criança coloca à prova suas emoções e sentimentos treinando para enfrentar com segurança e domínio a realidade.

Jogo e aprendizagem, pois, são dois conceitos ligados entre si: a criança consegue aprender jogando de maneira a desenvolver integralmente sua vida psico-física. O ditado popular: “*jogando se aprende*” não se aplica só às crianças, mas também aos adultos que podem aprender, alimentar a própria fantasia, imaginação e criatividade. É demonstrado, além disso, que a criatividade não se aprende,



mas pode ser favorecida e estimulada, através de adequadas metodologias didáticas, lúdicas e cooperativas.

Do ponto de vista didático, de fato, existem metodologias como o *'problem solving'* e o *'brain-storming'* que estimulam o desenvolvimento das habilidades criativas.

O desafio para professores e educadores é, pois, tornar divertida a aprendizagem, jogando.



Para aprofundamento

C. Garvey, *Il gioco. L'attività ludica come apprendimento*. Armando Editore, 2009.

D. W. Winnicott, *Gioco e Realtà*, Armando Editore, 2001

A. Bobbio, *Pedagogia del gioco e teorie della formazione*. Editrice La Scuola, 2014.



Estudiosos que deram importância à aprendizagem da criança através do jogo

Friedrich Fröbel (1782- 1852) pedagogo alemão, foi o primeiro a dar valor ao jogo, não o considerando mais inútil perda de tempo, mas um *meio* que favorece o desenvolvimento da criança, pois a ajuda a entender quais são as formas gerais do universo graças a brinquedos, chamados "dons" que podem estimular a atividade simbólica evocativa e fantástica.

Maria Montessori (1870-1952), com seu *método*, propôs uma escola sob a medida da criança, onde tudo deveria ser manejado e deslocado livremente por ela, de modo que tivesse possibilidade de estimular a criatividade e a imaginação. O material lúdico por ela proposto era graduado a fim de desenvolver as funções sensitivo-motoras em ambientes adequados à necessidade da criança agir, jogar e aprender espontaneamente.

Eduard Claparède (1873-1940): defende a teoria que afirma ser o jogo uma atividade eficaz para satisfazer as necessidades naturais e permitir que os desejos se tornem reais, através da promoção da criatividade e da espontaneidade da criança.

Jean Piaget (1896-1940): define a atividade lúdica para crianças como uma verdadeira e própria preparação para a vida adulta, além de ser um meio para socializar, empregar energia de modo construtivo e aprender o controle dos momentos de frustração. As crianças, de fato, tendem a transferir no jogo eventos concretos (também de caráter negativo) que, em dimensão fictícia, resultam previsíveis e mais digeríveis, relativamente à realidade. Também a aprendizagem da linguagem é baseada em uma atividade lúdica: no jogo, as formas linguísticas lúdicas se tornam um prolongamento da ação e se transformam em verdadeiros e próprios diálogos com objetos e personagens do pensamento fantástico, permitindo à criança introduzir, sucessivamente, as competências adquiridas nas relações com os outros.

Sigmund Freud (1856-1939): diz que os aspectos psicológicos do jogo são:

- aspecto catártico: o jogo ajuda a controlar a ansiedade, repondo na atividade lúdica uma situação

angustiante, de modo a poder gerenciá-la melhor.

- o controle da realidade interna e externa: com o jogo, a criança pode passar de uma situação fictícia a uma situação real com menos ansiedade e pode exteriorizar o próprio mundo interior concretizando-o nos objetos.

Donald W Winnicott (1896-1971) considera o jogo um dos fenômenos transacionais, isto é, a atividade com a qual a criança realiza a passagem da dependência à autonomia, aprendendo a estar só e mantendo certa confiança em uma realidade positiva que a protege. Dos objetos transacionais (brinquedos ou cobertores, lenços, etc), de fato, a criança tira um sentido de segurança imediato, comparável à segurança adquirida nas futuras relações afetivas interpessoais.

São João Bosco (1815-1888) na sua experiência de Padre educador percebe a importância do jogo na vida do menino, porque jogando desenvolve aspectos específicos da própria formação humana e social. No pátio de Valdocco ele mesmo havia disponibilizado tantos jogos, o cavalo de madeira, o balanço, as barras para o salto, equipamentos de ginástica, demonstrando que o jogo, desde o início do Oratório, era considerado algo importante no processo educativo e pastoral que marcava a vida da Comunidade Educativa. Na pedagogia salesiana, além disso, o jogo prepara e garante as energias e disposições adequadas para desenvolver bem o próprio dever, isto é, estudar, trabalhar e rezar. Isto explica a importância dos recreios nas casas salesianas, seja para os jovens, como para os adultos. De fato, não se para jamais de jogar. A atividade lúdica no adulto continua mantendo característica de poder transformar simbolicamente a realidade (escrita criativa, esporte, música, arte, etc.) e responde à necessidade de confrontar-se ou colocar-se a prova, evitando as consequências das ações: nos momentos lúdicos se experimenta prazer e as potencialidades criativas da pessoa empenhada em atividades lúdicas, resultam ampliadas. Portanto, para continuar a crescer, mesmo na vida adulta, é preciso utilizar de modo criativo o próprio tempo, pois o jogo, em todas as idades, faz bem, permite reencontrar o próprio eu, acalmar as tensões, estar em companhia de outros, desenvolvendo o próprio ser criativo.

Cidadania planetária

Julia Arciniegas - Martha Séide

j.arciniegas@cgfma.org - mseide@yahoo.com

O tema da cidadania planetária não é uma novidade. Há alguns anos os estudiosos e Organizações Internacionais falam neste tema. A UNESCO, em particular, tratou deste argumento em diversos documentos sobre cidadania global. O adjetivo planetário aplicado à cidadania deixa perceber um conceito que supera a dimensão nacional, regional e continental evidenciando um sentido de pertença a uma comunidade global que diz respeito a uma humanidade comum. Isto implica uma relação de interdependência e de interconexão em todos os níveis (cfr. *Educação à Cidadania Global*, ECG 2018). A crise sanitária provocada pela Covid-19 é um forte apelo da humanidade à solidariedade planetária.

24

por uma nova cidadania



■ Covid-19 e consciência da era planetária

Em uma entrevista, o conhecido filósofo e sociólogo E. Morin descreve com lucidez as consequências da mundialização na história do Planeta. A unificação técnico-econômica do mundo, criada pela difusão do capitalismo, gerou um enorme paradoxo que a emergência sanitária tornou visível a todos: a interdependência entre as Nações, ao invés de favorecer um real progresso no conhecimento e na compreensão entre os povos, produziu formas de egoísmo e de ultranacionalismo.

A mundialização criou um mercado global que, através da tecnologia mais avançada, encurtou as distâncias entre os continentes, mas ao mesmo tempo não favoreceu um diálogo entre os povos. A Covid-19 trouxe à luz esta contradição. Eis porque hoje é necessário favorecer a construção de uma cidadania planetária a partir de base humanitária: incentivar a cooperação entre as Nações com o objetivo principal de fazer crescer os sentimentos de solidariedade e fraternidade entre os povos (cfr. Edgar Morin *Fratelli del mondo*, Entrevista - *Corriere della Sera* del 5-04-2020).

■ Por um novo humanismo

A Covid-19, diz Morin, poderia levar a uma tomada de consciência da interdependência de todos os seres humanos. De fato, a tríplice crise que estamos vivendo, a *biológica* de uma pandemia que ameaça indistintamente as nossas vidas, aquela *econômica* nascida das medidas restritivas e a crise de *civilização*, com a brusca passagem de uma cultura de mobilidade à obrigação da imobilidade, provocaria uma crise do pensamento.

Há necessidade um de *humanismo regenerado*, que beba nas fontes da ética, da solidariedade e da responsabilidade presentes em toda sociedade humana. Essencialmente se requer um *humanismo planetário*. «A gigantesca crise planetária na qual nos encontramos imersos é a crise da humanidade que não chega a ascender à humanidade [...] O desenvolvimento no qual precisamos nos empenhar agora é aquele da humanidade do humano. Somente assim poderemos nos salvar e salvar nosso planeta».

A epidemia, com as restrições geradas, obrigou a fazer acontecer uma desaceleração para se recu-

perar o tempo, com maior consciência. Reconquistar o tempo interior é um desafio político, mas também ético, existencial. Nestes tempos de pandemia, aprende-se algo somente se se sabe redescobrir e cultivar os autênticos valores da vida: o amor, a amizade, a fraternidade, a solidariedade. Valores essenciais que, embora conhecidos desde sempre, se acaba por esquecer.

As sete imagens do Papa Francisco para o pós Covid-19 evocam a passagem desde este tempo marcado pela pandemia, a um “tempo propício para encontrar a coragem de uma *nova imaginação do possível*, com o realismo que só o Evangelho pode oferecer” (cfr. *La Civiltà Cattolica*, Quaderno 4080, 2020, v. II, p. 567 -580). Segundo o Pontífice, a pandemia desmascarou vulnerabilidades e falsas seguranças com as quais os povos têm construído as agendas, os projetos, os hábitos e estabelecido as prioridades. A mudança não poderá acontecer senão fazendo ressoar o *anúncio transbordante* do Evangelho que gera o “*olhar renovador*” que hoje serve como base sobre a qual construir a *cidadania planetária*.

■ Educar à cidadania planetária

A construção de uma cidadania planetária passa essencialmente através da educação. De fato, em âmbito mundial, se insiste sobre a urgência de remeter ao centro da educação os valores do humanismo solidário. Neste sentido, a educação à cidadania planetária pode contribuir à elaboração de um modelo de cidadania fundado na consciência da dignidade humana, no sentido de pertença a uma comunidade global e no envolvimento ativo das pessoas em vista de uma sociedade mais justa e pacífica. Trata-se de uma educação baseada em uma abordagem multifacetada que procura integrar, em uma visão coerente, a educação aos direitos humanos, ao desenvolvimento sustentável, à justiça, à paz, à interculturalidade, à compreensão e cooperação internacional, guiada pelo reconhecimento da interdependência entre local e universal (cfr. ECG 2018). Cada um destes âmbitos seria desenvolvido para sublinhar as facetas deste mosaico que tem grande valor de transformação. Portanto, a educação à cidadania planetária deve ser articulada em um processo de aprendizagem que forma,

25

em nível de competências, envolvendo a pessoa no arco de toda a vida, em nível de *conhecimento, capacidade, valores e atitudes*. É, pois, um processo que se pode declinar em três verbos evocativos do percurso: *reconhecer* para uma melhor compreensão; *sentir e compartilhar* os valores da comum humanidade; *agir* para transformar o mundo.

Reconhecer

O primeiro passo para promover a cidadania planetária é a necessidade de tomar consciência da identidade humana cosmopolita. Reconhecendo esta identidade plural, dever-se-á criar condições para facilitar a aquisição de conhecimentos a respeito do mundo, das questões globais, das estruturas e sistemas de *governo* (política, história, economia). Além disso, 'fundamental a compreensão dos direitos e as responsabilidades dos indivíduos e dos grupos para garantir seu respeito. Indispensável é cultivar a capacidade do pensamento crítico a respeito das questões globais, regionais, nacionais e locais e saber identificar a interdependência entre elas. A educação deverá habilitar ao reconheci-

mento das diferenças e das identidades múltiplas, como a cultura, a língua, a religião e a humanidade, desenvolvendo competências úteis para viver num mundo sempre mais rico de diversidades. Nesta linha, a educação midiática é fundamental para um uso responsável de novas informações e tecnologias digitais. A educação planetária promove a capacidade de tomar decisões, de resolver problemas, de dialogar em vista da promoção da paz e do bem comum (cfr. ECG 2018).

Sentir e compartilhar

A consciência e o sentimento de compartilhar da mesma humanidade em todos os seus aspectos estimulam a cultivar atitudes de empatia, solidariedade e respeito face à alteridade.

A educação em uma perspectiva planetária irá acompanhar as jovens gerações no aprofundamento da própria identidade dentro da pluralidade das relações, como base da compreensão das dimensões globais da cidadania.

É preciso aprender a “estar no planeta”, isto é, aprender a viver, compartilhar, comunicar, estar

em comunhão, porque são humanos do planeta terra. Neste sentido, «a educação é dirigida à *consciência antropológica* que reconhece a unidade do humano na diversidade; à *consciência ecológica* que é, simultaneamente, a consciência e o projeto de habitar uma mesma esfera vivente; à *consciência cívica terrestre* que é responsabilidade e solidariedade para com os filhos da Terra; à *consciência dialógica* que permite a prática da crítica, da autocrítica e da compreensão recíproca» (*Sguardi educativi su felicità e cittadinanza attiva* di Bijoy M. Trentin - 2015). Neste nível sócio emotivo, a educação à cidadania planetária inclui a educação das emoções, como componente fundamental da aprendizagem, em vista da convivência, integrando o pensar, o sentir e o agir.

Agir

Não basta reconhecer e sentir-se parte vida do planeta para ser um bom cidadão; é preciso, sobretudo, agir de modo responsável e eficaz em âmbito local, nacional e global em vista da transformação do mundo. Para atingir a meta de uma educação

à cidadania planetária que seja transformadora, urge uma ação capilar em todas as frentes e em todos os níveis da existência, iniciando em nível pessoal, com a mudança do estilo de vida. A Covid-19 fez experimentar que nada daquilo que se faz ou não se faz, é estranho ao destino dos outros; isto nos torna responsáveis pela sorte da humanidade e do planeta, em uma concepção de cidadania mundial que integra todas as dimensões. Esta abordagem permite perceber que a educação à cidadania planetária é transversal a todo o percurso educativo. A solidariedade humana deve tornar-se uma norma de vida. A humanidade, como nos foi revelado pela pandemia, requer solidariedade planetária porque estamos seguros somente quando todos se sentirem seguros. Este é o convite feito pela “Commissione Internazionale sul futuro dell'educazione” (cfr. *Ripensare l'educazione. Verso un bene comune globale 2019* - UNESCO). A educação à cidadania planetária deve ser a prioridade no mundo pós-Covid-19. Por isto, é preciso sermos audazes no modo de pensar, corajosos no agir e contagiosos na esperança.



Narrar a migração

Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@cgfma.org

O cenário migratório atual é complexo e, frequentemente, apresenta consequências dolorosas. As interdependências globais que determinam os fluxos migratórios devem ser estudadas e aprofundadas. Os desafios são múltiplos e nos interpelam a todos. Ninguém pode permanecer indiferente às tragédias humanas que continuam a se desenvolver em diversas nações do mundo. Urge agir juntos, não sozinhos.



“Há tantas outras pandemias que fazem o povo morrer e nós não tomamos conhecimento- disse Francisco em Santa Marta no 14 de maio de 2020- olhemos com outros olhos. Que Deus ponha fim também às outras pandemias: aquela da fome, da guerra, das migrações” . É uma pandemia do espírito e das relações sociais da qual a pandemia do coronavírus se torna símbolo e imagem.

A paralisia dos meses passados parece estar superada, mas o medo, permanece ainda hoje. O andamento “ preocupante” dos contágios do coronavírus, o desmanche das certezas, a distorção dos estilos de vida, o desequilíbrio econômico e os crescentes sofrimentos de muitas pessoas e numerosas famílias colocam-nos diante de uma “ nova emergência”, aquela da solidariedade, da acolhida e da dignitosa integração.

Esta “ nova emergência” pede sempre maior atenção aos pobres, há tantos que fogem das guerras ou deixam a própria Pátria em busca de uma vida digna do homem. É preciso agir juntos, não separados.

As fronteiras podem ser janelas, espaços de mútuo conhecimento, de enriquecimento recíproco, de comunhão na diversidade; podem ser lugares nos quais se experimentam novos estilos de vida para superar as dificuldades que as novas chegadas trazem para a comunidade autóctone. Facilitar a migração ordenada, segura, regular e responsável e a mobilidade das pessoas, mesmo através da doação de políticas migratórias programadas e bem organizadas, é o empenho do qual faz apelo a Agenda 2030 no ‘target’ 10.7 do Objetivo 10, também a partir da base de conscientização da contribuição essencial que os migrantes podem trazer à consecução dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

É fundamental, portanto, mudar o modo de ver e de narrar a migração: trata-se de dar prioridade às pessoas, às faces, às histórias. São migrantes, imigrantes, clandestinos, refugiados, ilegais; são, antes de tudo, seres humanos e são tantas as comunidades que vivem em primeira linha o impacto dos fluxos migratórios e da acolhida.

“A atual pandemia colocou em evidência a nossa interdependência: somos todos ligados, uns aos outros, seja no mal como no bem” (Papa Francisco, audiência geral, 2 de setembro de 2020).

Os habitantes das cidades e dos territórios de fronteiras- as sociedades, as comunidades, as Igrejas- são todos chamados a propor abordagens diversas, inspirados pela cultura do encontro, o que constitui o caminho em direção a um novo humanismo. A migração é um fenômeno complexo e multidimensional, é uma questão política que requer esforços e ações concretas, deslançadas por pessoas e organizações/ redes em todos os níveis da sociedade.

Vozes e experiências desde as fronteiras

Snapshots from the borders é o Projeto trienal financiado pela Comissão Europeia. Dezenove são os territórios envolvidos na Itália, Espanha, França, Alemanha, Suécia, Áustria, Eslovênia, Hungria, Romênia, Bulgária, Grécia, Chipre, Malta, Bósnia e Herzegovina. Outros 15 países estão envolvidos em várias medidas nas atividades: Bélgica, Letônia, Lituânia, Croácia, Luxemburgo, República Checa, Países Baixos, Dinamarca, Polônia, Estônia, Portugal, Finlândia, Eslováquia, Irlanda, Reino Unido.

Objetivo geral do projeto é aumentar a consciência, conhecimento e compreensão crítica sobre as interdependências globais que determinam os fluxos migratórios, na perspectiva de atingir os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Especificamente o projeto objetiva reforçar uma rede horizontal e ativa entre as cidades de fronteiras, interessadas pelos fluxos migratórios, para promover uma mais eficaz coerência das políticas em todos os âmbitos (europeu, nacional, local). As atividades culturais, informativas e de promoção visam a sensibilizar os cidadãos sobre as causas dos fluxos migratórios e sobre a globalização, mas, também, a recolher pontos de vista e reflexões, a serem difundidas em iniciativas públicas em diversos níveis. O projeto envolve na gestão tanto entidades locais como organizações da sociedade civil. As principais atividades são: campanhas, seminários, informativos, eventos locais, visitas e troca de boas práticas, criação de uma Rede das Cidades de Fronteira, Uma pesquisa participativa nos territórios das entidades locais, ações de advocacia em âmbito nacional e europeu.

As redes sociais em auxílio aos migrantes e refugiados

As redes sociais são fundamentais para levar auxílio e ajuda aos migrantes e refugiados entre as pessoas mais atingidas pelas consequências da pandemia. O App **Refaid** (*Refugee Aid App*) desenvolvido em diversos países europeus e utilizado por mais de 400 organizações não governamentais em todo o mundo, é voltado para a melhoria das condições de vulnerabilidade das populações migrantes. Trata-se de uma verdadeira e própria guia que oferece aos migrantes um mapa de todos os serviços realizados pelas numerosas associações humanitárias ativas no território. Serviços que podem salvar vidas humanas e amenizar os sofrimentos de milhares de pessoas.

Um exemplo concreto do uso do App **Refaid** é a iniciativa realizada em Tanger no Marrocos pela delegacia diocesana para as ligações em colaboração com outros organismos, entre os quais a *Cáritas local*: **#Refaidfront**, isto é, uma campanha de coletas-fundos para autorizar o uso do App em todo o Marrocos. Deste modo as organizações humanitárias do território podem dar informações, fornecer atualizações em tempo real e facilitar o acesso aos serviços de base para os migrantes, os refugiados, pessoas deslocadas e os que pedem asilo.



Never Alone, para um amanhã possível

Uma iniciativa para favorecer a autonomia e a inclusão de menores e de jovens migrantes não acompanhados, garantindo o pleno respeito dos direitos dos menores, com a intenção de construir uma nova cultura da acolhida. Entre as ações prioritárias promovidas há aquela de investir em intervenções voltadas a dar suporte aos agentes da Rede *Never Alone* na reformulação das narrativas sobre migração, a fim de perseguir a inserção social dos menores estrangeiros/ jovens adultos e favorecer a construção de sociedades mais inclusivas.

A proposta concreta é colocar à disposição um *kit* de instrumentos: um vídeo, 12 fichas de fatos “chaves” e a plataforma informativa www.narrativechange.org/it, contendo ainda as guias para dar suporte ao trabalho de sensibilização da opinião pública sobre temas ligados à migração. Um instrumento transversal que trabalha sobre o imaginário e sobre as percepções das migrações, e que pode contribuir para modificar o debate e estimular a uma mudança social também sobre outros temas de grande relevância, hoje.

TherAsia

Paolo Ondarza

paolo.ondarza@gmail.com

Desenvolver uma missão em favor dos pobres, na Igreja. Desta exigência nasce *TherAsia*, uma Organização *onlus* que dá suporte a pequenos projetos de promoção humana e social da Igreja na Ásia. A inspiração foi cultivada desde pequena pela Co-Fundadora Mônica Romano: me atingia a questão da pobreza e da fome no mundo. Frequentando a paróquia, entendi que o auxílio aos pobres é uma parte, porém importante, da obra missionária da Igreja, embora a prioridade seja o anúncio do Evangelho.

A Organização *TherAsia* mantém as igrejas asiáticas em suas iniciativas de caridade, na formação e no reforço à Instituição, em particular à Igreja na China, Índia, Paquistão e Vietnã. O nome escolhido faz memória de Santa Teresa do Menino Jesus e Santa Teresa de Calcutá. A Ásia

“é um continente onde nos sentíamos chamadas a servir, ao qual estas duas Santas” eram, de modo diversos, ligadas. Descobri que Santa Teresinha era destinada ao Vietnã, onde jamais foi, devido à saúde delicada. Porém, do mosteiro, escrevia aos missionários e rezava por eles. Comecei a pedir



sua intercessão, para ter a graça de servir à Igreja e à sua missão. O projeto *TherAsia* começou pouco a pouco a se organizar. Tomei consciência de que a santa de Calcutá era uma mulher de oração antes ainda, que de ação. Seu exemplo confirmou em mim a ideia da necessidade de radicar o serviço caritativo e social em uma visão Cristã”.

■ A atualidade da mensagem pela Ásia e pelo mundo católico

“Estas figuras femininas têm muito a dizer à Ásia de hoje”. Diversos países asiáticos estão experimentando um rápido desenvolvimento socioeconômico, como por exemplo, a China, que entre os primeiros conseguiu diminuir a pobreza. Ao mesmo tempo, muitos não têm conseguido atingir este mesmo passo, porque materialismo e individualismo começam a desagregar valores e liames sociais. Santa Terezinha e Madre Teresa podem ser compreendidas ou descobertas pelas grandes tradições religiosas na Ásia. Estas podem contribuir para dar uma face mais humana a um processo que tem ainda aspectos obscuros, quando esquece ou deixa para trás os pobres, as minorias étnico-religiosas, as mulheres. Ambas as figuras são também um exemplo de ‘leadership’ e de serviço eclesial para as mulheres e as religiosas na Ásia. Fazem apelo aos católicos para que centrem a vida cristã sobre dois pilares essenciais: “a oração e a caridade”.

■ **Levar Cristo a China e a China a Cristo, era o objetivo da ação evangelizadora do Padre Gabriele Maria Allegra franciscano, sacerdote e biblista, morto em 1976**

“Padre Allegra foi um autêntico comunicador da palavra de Deus e da Boa Nova. O primeiro a traduzir para a Comunidade Católica chinesa a Bíblia. Era um homem de profunda vida de oração. Antes de iniciar o trabalho de tradução, escrevia na folha uma invocação a Nossa Senhora. Sua versão da Bíblia- publicada em Hong Kong em 1968- continua sendo a mais utilizada pelos católicos na China. Em 2012, em colaboração com a Associação *Pequena Família da Assunta, TherAsia*, colaborou em um projeto para a pu-

blicação e distribuição gratuita de 10.000 cópias da primeira versão bilíngue chinesa-italiana do Novo Testamento e dos Salmos. Esta iniciativa visava a auxiliar as gerações mais jovens, nascidas e crescidas na Itália, a conhecer a escritura em língua chinesa, e a facilitar o estudo da Bíblia para os chineses que frequentam as igrejas italianas ou as Universidades Pontifícias. Algumas cópias foram doadas aos irmãos protestantes chineses, de Roma. Em 2018, *TherAsia* participou de um Fórum eclesial em Pequim, por ocasião do 50º aniversário da publicação da tradução bíblica do padre Allegra. Emergiu a importância da Bíblia na vida da Igreja na China, porque para amar a Deus é preciso iniciar pela Bíblia”.

■ **A tradução em chinês da história do Concílio Vaticano II, por ocasião do 50º aniversário, conforme foi acolhida pela comunidade católica chinesa**

“A partir da solicitação da Editora Católica chinesa ‘*Xinde o Faith*’ foram reestampadas a história do Concílio e os relativos textos. Por razões históricas, o Concílio Vaticano II chegou somente mais tarde à China. No decênio 1966-1976 a revolução cultural tornou mais difícil os contatos da Igreja Chinesa com a Igreja Universal. Em 1978 a igreja chinesa começou pouco a pouco a “ressurgir” e, nos primeiros anos da década de 90 se passou a celebrar a missa em língua chinesa, segundo a reforma litúrgica do Concílio, e se autorizou na China, a publicação da edição bíblica do Padre Allegra. Há um grande interesse por parte dos católicos chineses para os grandes temas do Concílio. Vivendo em um contexto onde os cristãos constituem uma minoria e tendo parentes e amigos que pertencem a outras religiões, o tema da salvação é o que mais interessa ao coração de muitos católicos chineses”.

■ **Qual é a função dos leigos e da mulher na Igreja na China**

“Há uma crescente tomada de consciência sobre a importante função dos leigos na igreja, e muitos estão empenhados na catequese, na liturgia e na caridade, primeiramente as mulheres. A igreja chinesa está investindo muito na formação

do laicato. Conheço mulheres que tem feito do cuidado e atenção aos outros, objetivos de vida, recolhendo nas estradas, crianças abandonadas com deficiências graves e assistindo-as voluntariamente. São muitas as religiosas que se ocupam dos pobres e deficientes. Encontrei leigas que orientam a oração e o estudo da Bíblia nas comunidades e Religiosas que lecionam nos seminários. Porém, por uma influência cultural, permanece uma ideia um pouco “hierárquica” de igreja, onde emerge a liderança dos sacerdotes”.

■ **Nos últimos anos foram registradas mudanças significativas na vida da igreja na China. O que significa para a Comunidade Católica Chinesa o acordo provisório entre China e Santa Sé**

“Em setembro de 2018 foi firmado um acordo provisório entre a Santa Sé e a República Popular Chinesa a respeito das futuras nomeações episcopais. Ao mesmo tempo, oito bispos chineses, ordenados precedentemente sem mandato pontifício, foram readmitidos na plena e visível comunhão eclesial. Hoje, após diversos decênios, pela primeira vez os bispos na China estão em comunhão com o Bispo de Roma. A divisão no seio da Comunidade Católica chinesa é uma ferida antiga e profunda, difícil de sanar, que requer tempo, paciência e

uma fé radicada no sucessor de Pedro. Com este acordo, Papa Francisco cumpriu o importante passo, de longo percurso, na via do diálogo e da Reconciliação, pelo qual esperamos e rezamos em comunhão com a igreja da China”.

■ **Uma mulher, a Virgem de Sheshan, ilumina a vida da Igreja na China**

“Os Católicos chineses têm uma grande devoção a Nossa Senhora. Todo ano, na véspera da festa da Mãe, no segundo domingo de maio, invocam Maria como *Santa Mãe da China*. Na Carta aos católicos chineses (2007), Papa Bento XVI promulgou uma jornada de Oração pela igreja na China, que se celebra anualmente na China no 24 de Maio, na festa de Maria, Auxílio dos Cristãos com o convite aos fiéis de irem em peregrinação ao Santuário Mariano de *Sheshan*, próximo de Xangai. No pináculo da Basílica uma imagem de Nossa Senhora que ergue bem alto o Menino Jesus, “apresentando-O ao mundo com os braços abertos, em gesto de amor”- como diz a oração composta por Bento XVI. Os católicos chineses se dirigem à Nossa Senhora *Sheshan*, à procura de auxílio e proteção, justamente como se faz com uma mãe. É belo que a invoquem como Mãe de toda a China, pois se reconhecem como seus filhos, como povo e como Comunidade Cristã.”



■ Pacto educativo e ecologia

Qual é a relação entre ecologia e educação? A questão ecológica, porque intrinsecamente relacional e, portanto, educativa- “impede de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, dela fazemos parte e disso nos compenetraremos” (Laudato Si, 139). A busca de uma renovação do empenho educativo da interioridade e da identidade, sempre mais provocadas pelo mundo globalizado e digital, pede que não se rompa o liame com o mais amplo horizonte social, cultural e ambiental no qual ela se insere. Ser humano e natureza devem ser pensados em sua interdependência, pois a falta de cuidado da interioridade se reflete em uma carência de cuidados da exterioridade e vice-versa. As populações indígenas, as populações resilientes no território e algumas instituições de tutela da natureza, são alguns dos exemplos dos quais aprender. Esses são os que, através do tempo, conseguiram preservar a diversidade da natureza e a diversidade dos estilos de vida, respeitando seus equilíbrios, mas, também, sua função

“Educar os jovens à fraternidade, para que aprendam a superar divisões e conflitos, promovam acolhida, justiça e paz” (Papa Francisco).

de produtora de riquezas, limitando o desmatamento ao estritamente necessário.

«Nosso corpo é o nosso território; nosso ventre é nosso templo; nossas veias são os nossos rios». Desta “escuta” do grito da terra e do homem, nasceu um programa educativo um favor do reflorestamento da Amazônia, por meio da sensibilização e educação de jovens e rapazes. Promovido por Scholas, cerca de 450.000 escolas aderiram ao projeto de contribuir ao reflorestamento amazônico plantando 10 árvores e encaminhando uma didática que envolve os estudantes em atividades orientadas à reconstrução de uma adequada

relação entre a humanidade e a Biosfera. A exemplo das populações originárias da Amazônia e com atividades de formação e partilha entre as escolas (troca de experiências entre estudantes, professores e especialistas) em caráter inclusivo. Para gerar mudança é necessário um caminho educativo e a constituição de uma aldeia da educação, na qual formar pessoas disponíveis que se coloquem a serviço da Comunidade. Receber e dar apoio, contribuindo para a criação daquele clima fundamental para construir redes educativas e colaborativas.

Scholas Occurrentes

Scholas é uma Organização Internacional de Direito Pontifício, com sede na Argentina, Cidade do Vaticano, Chile, Colômbia, Espanha, Haiti, Itália, México, Moçambique, Panamá, Paraguai, Portugal, Romênia e Estados Unidos. Está presente com sua rede em 190 países, integrando mais de 400.000 Centros Educativos e atingindo mais de um milhão de crianças e jovens no mundo todo.

Papa Francisco - então Arcebispo da cidade - sonhou Scholas como a possibilidade de dar uma resposta concreta ao apelo deste tempo, conferindo-lhe a tarefa de educar para abertura em relação aos outros, para a escuta, a fim de colocar juntos os pedaços de um mundo fragmentado e carente de sentido, dando início à criação de uma nova cultura: a Cultura do Encontro.



Jovens e videojogos

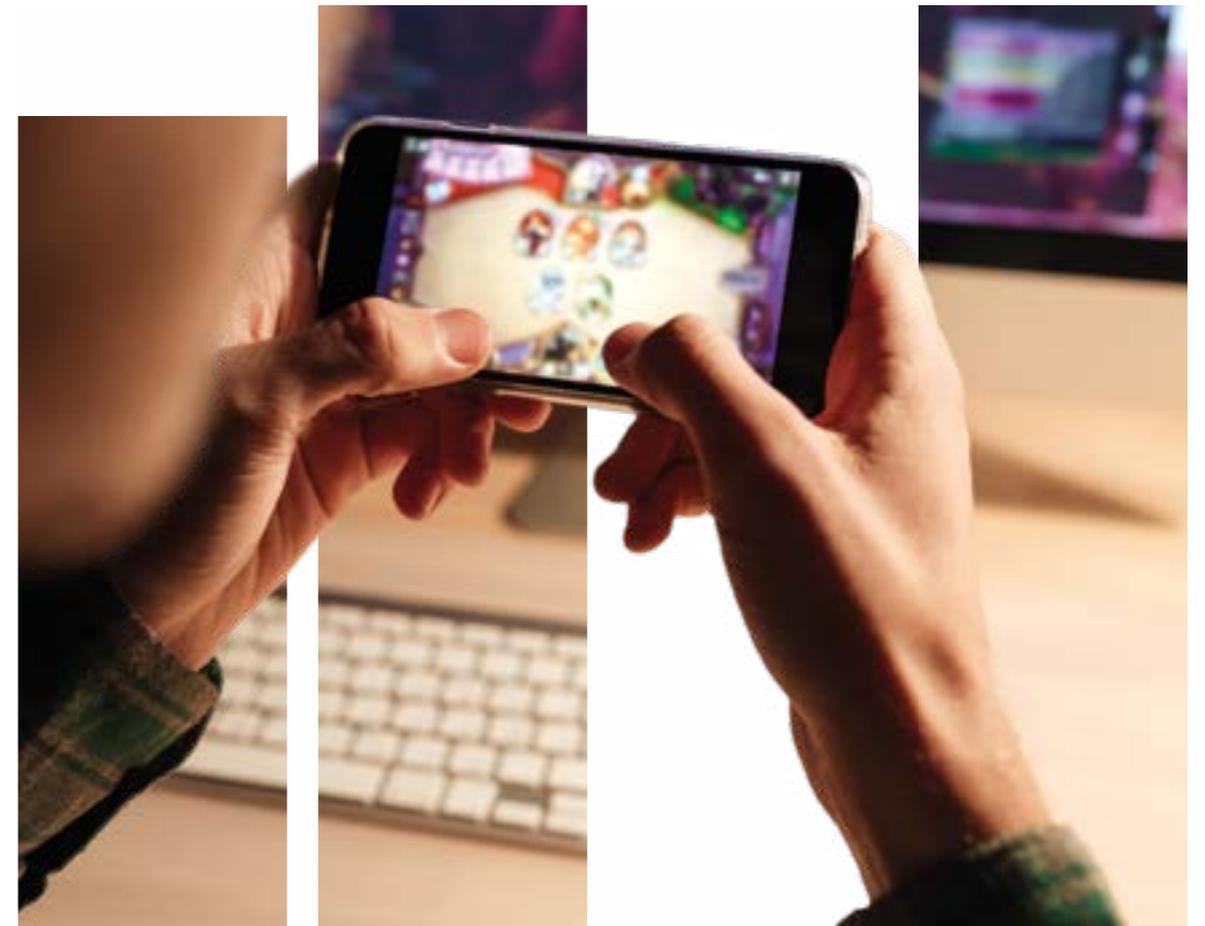
Veronica Petrocchi

veronica.petrocchi91@gmail.com

Dom Bosco, fundador dos Salesianos não se cansou de repetir para seus meninos: “fico contente que vocês se divirtam, que joguem, que se alegrem; este é um método para se fazerem santos”. Divertir-se, estar junto e partilhar são características peculiares do “jogo” e no século XXI, com os videojogos. Videojogo é um meio expressivo e um instrumento aberto que qualifica a experiência educativa.

No contexto atual, jogos sempre mais sofisticados invadem o mercado e fascinam crianças e adolescentes. Dois terços dos jovens entre os 12 e 19 anos se auto definem *jogadores regulares* (cfr. Rapporto sui risultati dello studio JAMES 2018 - *Giovani, attività, media*). A tendência ao jogo é correspondente ao desenvolvimento das tecnologias: em casa, prati-

camente todos os jovens têm um computador ou um celular e uma conexão à internet; alguns dispõem de um console fixo ou móvel. O acesso aos videojogos é, portanto, largamente facilitado. O videojogo é um meio expressivo, mas também um instrumento aberto para constituir um cenário que qualifica a experiência educativa e didática.



O “gaming” é uma das atividades midiáticas mais apreciadas pelos jovens. Joga-se sozinho ou em companhia de amigos e amigas. Jogam com videogames um número maior de rapazes que de moças e o percentual de *jogadores* aumenta com o crescer da idade.

Numerosos são os gêneros de videogames: jogos de *ação*, jogos baseados na rapidez e sua reação (*Shooter games*); de *aventura*; jogos de “lógica e de aprendizagem” (*Edutainment*); videogames de *combate* nos quais o protagonista deve vencer o adversário com os punhos, com armas e, frequentemente, com habilidades particulares; jogos de *função* que se desenvolvem quase sempre

em mundos fantásticos, onde se escolhe um personagem dotado de faculdades particulares, que se desenvolve no decorrer do jogo. Frequentemente se joga online com outros jogadores. Jogos de *simulação* e de *gestão*: trata-se de gerenciar uma empresa, um time esportivo ou uma inteira cidade com o uso de reflexões estratégicas e táticas e habilidades organizativas; jogos *sociais* (*Social Games*), pequenos jogos integrados nos *social network*, como Facebook, que representam um veloz e simples meio de transcorrer alguns momentos de distensão mental.

Os videogames encorajam comportamentos cooperativos e competitivos, põem em primeiro plano a interação com os outros e permitem seguir os sucessos de amigos e conhecidos. Os jogadores interagindo simultaneamente com outros jogadores e com o próprio ambiente, atingem cooperativamente objetivos como superar os mais altos níveis, explorar, fazer amizades e adquirir conhecimentos e habilidades.

Estes videogames não levam em conta classificações de idade. Com as oportunidades oferecidas pela tecnologia digital, os membros da *community* de videogamers interagem constantemente entre si. Um dos fenômenos mais observados é aqueles vídeos: “*Let’s Play*”, nos quais jogadores individuais apresentam videogames, fazendo comentários e apresentando sugestões de como superar pontos particularmente difíceis. Muito requisitados os eventos esportivos eletrônicos (*e-Sport Events*), em

“Os videogames são a nossa mais avançada fronteira e o nosso mais fascinante futuro”
(Alberto Abruzzese).

que os jogadores competem entre si, sozinhos ou em times. Este é o gênero que, mais do que outros, favorece o encontro com os amigos para jogar juntos: todos os jogadores são envolvidos no jogo observando a mesma parte da tela total, gesticulando conforme os movimentos do próprio jogador no campo, e interagindo contemporaneamente com os outros personagens. Os prêmios e o número de espectadores crescem de ano em ano, basta pensar na partida final dos mundiais de “*League of Legends*”, realizada em 2017, em Pequim, foi seguida por 80.000 espectadores ao vivo e por mais de 40 milhões de apaixonados, pelas telas.

São várias as habilidades que os jovens adquirem com os videogames. Desenvolve capacidades intelectuais, sentido de orientação espacial, habilidades motoras, trabalho em grupo e criatividade. É interessante evidenciar a experiência que o jogador vive entre o mundo real e o virtual. No jogo aprende-se a se mover entre o mundo da experiência e o da aventura, entre o espaço virtual e o real. Graças a interconexão e ao digital se entra a fazer parte de uma comunidade global, joga-se com pessoas que vivem em outros países e falam línguas diferentes, confronta-se com identidades diversas, abrindo a mente e a própria cultura, vivem-se autênticas *experiências interculturais*.

Nos videogames pode-se viver também a *experiência ideal (flow)*, que é o estado no qual a pessoa se encontra completamente absorta em uma atividade para seu prazer, durante a qual o tempo voa e as ações, os pensamentos e os movimentos se sucedem, um após o outro, sem interrupção.

Quem consegue atingir um controle sempre mais completo do jogo e a passagem de nível em nível, sente que é invencível, seguro de si. Mas é justamente esta experiência que pode levar ao risco de uma dependência da internet. Viver sozinho a experiência do jogo e nela colocar uma tão grande expectativa de satisfação, corre o risco

de aumentar inseguranças e tendências ao isolamento, criando dificuldades na socialização. Além disso, os jogadores podem assumir comportamentos agressivos e manipuladores. Recentes pesquisas evidenciam que a escolha de estar diante de uma tela por muito tempo deriva de um profundo sentido de tédio e do desejo de fuga da vida cotidiana. O mundo fascinante dos videogames e a possibilidade de assumir funções diversas podem levar os jovens a refugiar-se no espaço virtual para não enfrentar a realidade.

“Aqueles que fazem distinção entre entretenimento e educação, talvez não saibam que a educação pode ser divertida e o divertimento educativo”
(M. Mc Luhan).

O jogo, se transforma assim, em “evasão”, distração e fuga da realidade, ao invés de experiência de conhecimento e compreensão do cotidiano.

A relação, o estar junto, o divertimento podem fazer emergir o valor educativo e social do videogame: se se joga em companhia, é possível socializar-se e se sentir parte de um time; Aprende-se a trabalhar em grupo; habitua-se a desenvolver estratégias e a procurar soluções em uma ótica de “*problem solving*”; podem-se treinar as mais variadas capacidades, como por exemplo, o raciocínio, o sentido de orientação e a criatividade.

É preciso partir novamente, na escuta e a caminho com os jovens, para redesenhar ambientes ricos de genuinidade e de leveza, de aprendizagem e cooperação, como um videogame.



Jogar é coisa séria

Elisa Molinari, FMA
elisamolinari@yahoo.it

A palavra jogo deriva do latim *iocus*, «brincadeira, farsa» e é expressão de “leve-coração” (*iocundus*, alegre), própria do tempo que vivem – ou que deveriam viver – as crianças. O jogo é um importante elemento pedagógico para a construção da identidade e exercita esta função ao longo da vida toda, ajudando a reler e a dar uma nova forma à realidade na qual estamos imersos.



“Jogar é coisa séria!”, dizia Bruno Munari, porque jogando se aprende a viver. Artista, desenhista, escritor italiano (1907-1998), Bruno Munari foi inventor e autor de jogos, objetos e livros para a infância, baseados na participação ativa da criança, no desenvolvimento da criatividade, na aprendizagem pelo jogo. Aquilo que comunicava através de suas obras e seus laboratórios era a abordagem em relação à vida, relação de admiração e descoberta de modalidades alternativas para interagir com tudo que o circundava. Quando era criança se divertia fazendo voar plumas e sementes de boldero capturando raios de sol em um espelho, escutando o som das gotas de água que caíam sobre superfícies diferentes. Como adulto, continuou a acolher os apelos à criatividade que animavam o mundo ao redor dele e a ensinar às crianças esta abordagem, como recorda o filho Alberto Munari: “Eu teria 5 ou 6 anos e estava desenhando uma paisagem em uma folha de papel branco com lápis coloridos. A um certo ponto, enquanto coloria o céu com lápis azul ele me disse: “Não se poderia fazer diversamente?” E continuou.” Por exemplo, se ao invés de usar uma folha branca e fazê-la se tornar

“Jogar é coisa séria! As crianças de hoje são os adultos de amanhã. Ajudemo-los a crescerem livres de estereótipos. Ajudemo-los a desenvolverem todos os sentimentos. Ajudemo-los a se tornarem mais sensíveis. Uma criança criativa é uma criança feliz!” (Bruno Munari).

azul com o lápis se você pegasse logo uma folha azul, não seria mais simples?” A questão me marcou muito porque entendi que aquele modo de fazer era, sem dúvida, muito mais eficaz. Estas perguntas- “não se pode fazer diversamente” ou “o que mais se pode fazer” com um instrumento ou um objeto- são mesmo as perguntas-chave que fizeram sempre “funcionar” meu pai”. (cfr. Beba Restelli,

Silvana Sperati con un intervento di Alberto Munari, *A che gioco giochiamo?* - Corraini Edizioni, Mantova, 2008).



Os jogos de Bruno Munari são objetos simples e não terminados, com os quais se pode interagir de modo livre e intuitivo, onde o fazer, a surpresa e a maravilha são motores de conhecimento. Como o **Gatto Meo Romeo** e a **Scimmietta Zizi** dois brinquedos de espuma com armação em ferro leve, com possibilidade de mudar de posição para moldar com os dedos; dois simpáticos companheiros de viagem a serem levados sempre consigo pois deixam espaço à fantasia das crianças.

Para os maiores, o **Abitacolo** é um verdadeiro e próprio “módulo habitável”, no qual Munari toma, da infância, a ideia de um refúgio onde se pode estar tranquilamente para ler, estudar, brincar, dormir, ouvir música. Reduzido ao essencial, mas com infinitas possibilidades- leito, livraria, porta-objetos, escrivaninha, esconderijo- é uma estrutura de aço, facilmente desmontável, pronta para assumir nova veste, “*correndo atrás da fantasia*”. “*Abitacolo*” é um ícone do projeto: Em 1979 foi premiado com o prestigioso Prêmio Compasso d’Oro, e pode ser incluído na coleção permanente do *MoMa* New York.

■ Jogar é “coisa de criança”?

Bruno Munari desmente a concepção pela qual jogar, brincar é considerada uma não atividade: “*Durante a infância estamos naquele estado que os orientais definem como Zen: o conhecimento da realidade que nos circunda advém instintivamente mediante aquelas atividades que os adultos chamam de jogo. Todos os receptores sensoriais estão abertos para receberem os dados: olhar, tocar, sentir os sabores, o quente, o frio, o peso e a leveza, o macio e o duro, o áspero e o liso, as cores, as formas, as distâncias, a luz e o escuro, o som e o silêncio... tudo é nosso, tudo deve ser apreendido e o jogo favorece a memorização. Depois nos tornamos adultos, entramos na sociedade. Um a um se fecham os receptores sensoriais, não aprendemos quase nada mais, usamos somente a razão e a palavra e nos perguntamos: Quanto custa? Para que serve? Quanto me rende?*”.

Munari cria, assim, le **Forchette parlanti**: (os garfos falantes): pequenas esculturas obtidas dobrando os dentes dos garfos em aço inox, privilegiando a expressividade mais do que a função, em um

jogo comunicativo baseado no exercício de fantasia. “*Este, das “forchette” é um jogo, uma espécie de ginástica mental como aquele que faço com as crianças.*” Isto nos diz que não existem atividades que tenham “fins em si mesmas” ou “inúteis”: cada atividade- e, portanto, também o jogo- é sempre e de algum modo atividade promotora de aprendizagem, de tomada de consciência das próprias capacidades, de afirmação de si. É no agir concreto que cada ser vivente constrói a própria identidade, encaminha a realidade à qual se relaciona, e ao mesmo tempo, utiliza os instrumentos cognitivos que guiam seu agir.

■ É a vida que está em jogo

O jogo permite “colocar em cena” tudo aquilo que somos: a vivacidade, a imaginação, a criatividade, mas também a fragilidade, a agressividade, o fracasso. Por isto é importante que, desde a infância se aprenda a jogar e que, uma vez adultos, não se perca o prazer de jogar. Dom Bosco, fundador da Congregação dos Salesianos, na pedagogia salesiana privilegiava o movimento no pátio e o jogo para seus meninos: “*Se dê ampla liberdade de saltar, correr, fazer barulho ao bel prazer*”(cf. Sistema Preventivo). Don Pietro Stella, nos seus estudos sublinha: “*O jogo, no pátio era um importante momento de vida como também salutar válvula de escape*”. (P. Stella, *Bilancio delle forme di conoscenza e degli studi su don Bosco*, p.35) No esmorecer do desejo de jogar de um jovem, Dom Bosco percebia um sinal de alarme a respeito da sua situação moral e espiritual, como aconteceu com o jovem Miguel Magone: “*de repente começou a diminuir aquela ansiedade de movimentar-se! Mostrava-se um tanto pensativo. Não tomava mais parte das brincadeiras se não fosse convidado*”. É significativo que nos ambientes salesianos se privilegia a expressão “recreação”, própria do recriar, recuperar vitalidade quando se está fatigado pelo estudo, pelas preocupações, pelo trabalho.

■ Jogo livre e jogo liberado

Há situações particulares de vida nas quais jogar pode parecer, também para as crianças, um “plus” não oportuno e não óbvio. É o caso de guerras, migrações, violências, mas também catástrofes e

pandemias, como a da Covid-19 que transtornou completamente o ordinário da vida e, por consequência, lugares, tempos e modos de jogar. O confinamento improvisado e prolongado em casa (*lookdown*) levou as crianças à perda de pontos de referência relacionais (educadores professores, amigos, avós), espaciais e temporais (a escola, o ritmo ordinário) e a volta a uma forte dependência das figuras dos pais. O estado de alerta e a gravidade da situação, frequentemente os levou a uma espécie de suspensão entre sonho e realidade, cuja compreensão não foi sempre favorecida pelo uso de imagens virtuais usadas para simplificar o acontecido. O jogo constitui um válido instrumento para a elaboração simbólica de quanto acontece na realidade e tem a capacidade de transformar uma experiência traumática em outra de construção e de consolidação. O jogo livre, com objetos simples- como o “Gatto Meo Romeo” e a “Scimmietta Zizi” ou o “Abitacolo” de Munari - com a técnica da simulação, podem ajudar as crianças a colocarem em cena aquilo que é incompreensível e a “jogar fora” aquilo que causa medo. Isto vale também para os adultos. **Carlo Meneghetti**, Professor na IUSVE em Mestre e Verona, *estrategista do Ludo* para treinamento e *designer de brinquedos* na sua intervenção no Seminário online “*Celebrare il Diritto al gioco al tempo del Covid-19*” acontecido em

29 de maio de 2020 (https://www.youtube.com/watch?v=wjicli_AjE8), propõe a exploração de novas oportunidades educativas do jogo para reler a experiência da Covid-19, redescobrimdo jogos conhecidos que se têm já em casa. Por exemplo: pescar as cartas de **Dixit** -jogo de narração que coloca ao centro a fantasia- e, a partir das imagens nas próprias cartas, reconstruir o que foi vivido durante o tempo da pandemia. Também o jogo **Taboo**, no qual se propõe a adivinhação de uma palavra aos próprios companheiros de time sem utilizar algumas palavras “proibidas”; isto pode ser um estímulo para construir narrações com o que não foi falado. Jogos e *storytelling* (contagem de histórias) constituem um válido entretenimento educativo: “*São todas estratégias que nos ajudam, seja a colocar em jogo, seja a ativar o estilo de troca, de partilha, de compartilhamento e observando as necessidades de quem está ao lado, através das lentes do jogo*”.

Um vídeo publicado no YouTube é emblemático: mostra a reação dos transeuntes ao jogo “*Campagna*” desenhado na calçada. Passarão firmes ou não conseguirão se opor ao irresistível apelo de percorrer os quadrados saltitando e voltando, por um momento, a ser crianças? (<https://www.youtube.com/watch?v=NZcvZSpaRrk>) Em qualquer idade, o jogo pode ser uma ocasião de crescimento.



A profecia do “caminhar juntos”

Eliane Petri, FMA
petrifma@gmail.com

Pode-se definir Mornese como uma “comunidade Sinodal”? “Sinodalidade”, “comunidades sinodais” não eram termos usados no Oitocentos. Se, porém, a sinodalidade é um modo de ser e de agir, promovendo a participação de todas na comum missão educativa, então se podem encontrar alguns elementos de um estilo sinodal na experiência de Maria Domingas e da primeira comunidade das F.M.A.

A palavra *sínodo* deriva da união de duas palavras gregas: *syn* (com, junto) e *odòs* (estrada, caminho), isso é, um caminho a percorrer junto. O percurso sinodal referido às nossas comunidades você poderia indicar com outra palavra que possui a mesma raiz, isto é, *êxodo* (cfr. Cesarato Regina, *Uno stile sinodale frutto dell'eclesiologia di comunione*, in *Consacrazione e servizio* 1-2017, 7). Ser comunidade “em saída” que faz “êxodo junto”, partilhando a riqueza do carisma dos fundadores para propor obras apostólicas significativas, construir relações humanizantes, gratuitas, plena de alegria do Evangelho e jamais autorreferenciais. Pode-se, portanto, dizer que a sinodalidade implica uma saída. O caminhar e chegar a uma meta requer a determinação de “sair”.

O quê isto exige das Comunidades Educativas? É preciso “sair” (= êxodo) de onde, para realizar um “caminho junto” (= sinodalidade)?

■ Em saída

Olhando a realidade das Comunidades, refletindo sobre a circulares de Madre Yvonne Reungoat, Superiora Geral do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e sobre o Magistério do Papa Francisco podem-se evidenciar alguns elementos: sair da autoreferencialidade, do egocentrismo, da idealização das comunidades, de esquemas mentais consolidados, da mentalidade do “*sempre se fez assim*” e do “*não toca a mim*”, do mundanismo espiritual, do pessimismo, da vida cômoda e do frenesi deste tempo, etc. Percorrendo este caminho “em saída” as comunidades estão se preparando e se treinando na sinodalidade.

O Documento *Em preparação para o C.G. XXIV* retomando as *Constituições* evidencia que «realizar uma comunidade de muitas faces, que vive e trabalha junto, é possível porque ela é “reunida pelo Pai, fundada na presença de Cristo Res-

suscitado e nutrida por ele, Palavra e Pão” (C.49)» (Circ. 985 *In preparazione al CG XXIV*, 21). O estilo sinodal das Comunidades de Mornese e das Comunidades Educativas, tem, pois, um fundamento teológico: a comunidade é reunida pelo Pai e tem fundamento na presença do Ressuscitado; é expressão da espiritualidade de comunhão que se fundamenta na Trindade e se concretiza na comunhão entre as irmãs e os jovens que o Senhor confia aos cuidados das Comunidades.

■ Por uma missionariedade

A sinodalidade é ligada à missionariedade. O Instituto das F.M.A. e toda comunidade nasceram não para ser fim em si mesmos, mas para o anúncio da Boa Nova do Evangelho. Tanto as F.M.A. em Mornese, como os Salesianos em Valdocco, nasceram de uma esperança comunitária

muito intensa. O clima da fundação do Instituto é um dinamismo de caridade que faz convergir em comunhão mulheres simples, pobres, com pouca cultura. Porém, a caridade é uma força poderosa que impulsiona, anima, faz encontrar pessoas tão diferentes e as ajuda a superar os inevitáveis conflitos e pobreza em todos os níveis; torna-as audazes, perspicazes no anúncio do Evangelho nas periferias do mundo.

É belo pensar que da comunidade de Mornese, pequena e perdida entre as colinas do Alto Monferrato, embora com limites, cansaços e fraquezas, continue a brotar uma riqueza evangélica salesiana que chega a todas as Comunidades nos cinco continentes fecundando-as de vida sempre nova. Alguns elementos do estilo sinodal mornesino típico do Sistema Preventivo são: o sentido sagrado da pessoa humana, a acolhida alegre



e familiar, a confiança, a proximidade, a solidariedade, a gratuidade, a integração, o reconhecimento do outro por aquilo que ele é. (Circ. 985 *In preparazione al CG XXIV*, 22).

Os Educadores e as Educadoras FMA e leigos, partilhando o Carisma Salesiano, são chamados (as) a redescobrir com mais entusiasmo e responsabilidade o sentido do “caminhar juntos” como Comunidade Educativa, com os jovens, para dar a eles razões de esperança, de alegria e despertar neles o sentido de uma vida doada por amor, o sentido de missionariedade, do agir em vista da mudança e de uma sociedade mais justa e fraterna.

■ Em sinodalidade

As comunidades educativas são desafiadas a dar vida a processos em estilo sinodal que interpelem os jovens. Este modo de “caminhar junto” pode ser profecia para a própria comunidade e para o mundo. Sentir-se a caminho com eles é muito mais do que “uma escolha preferencial” de “fazer algo por eles”, mas é torná-los protagonistas do próprio crescimento e da transformação da sociedade em

que vivem. A sinodalidade se torna um modo de ser Comunidade Educativa, de encontrar-se, de exprimir-se, de ouvir-se, de discernir, de partilhar as alegrias e os cansaços da missão, de procurar o bem comum para a transformação do mundo e da sociedade segundo o projeto de Deus.

O caminhar junto não é sempre um processo linear e fácil. Comporta cansaço e espírito de iniciativa: “Coragem, minhas boas irmãs, Jesus deve ser toda a vossa força; com Jesus os pesos se tornarão leves, os cansaços, suaves; os espinhos se converterão em doçuras” (Madre Mazzarello, L 22,21). Para viver no “espírito sinodal” é preciso assumir uma hermenêutica teológica, olhar e interpretar a realidade a partir da prospectiva de Deus e redescobrir o fundamento cristológico da vida cristã. Para isto, é preciso mudar mentalidade, para fazer renascer vida: morrer a si mesmas para fazer renascer o outro, para criar comunhão, para tornar fecunda a missão.

O estilo de “caminhar junto” na comunidade tem um escopo: viver a profecia da comunhão e da missionariedade. Caminhar com os jovens para descobrir-se amados, salvos e preciosos aos olhos de Deus. O *caminhar com os jovens* leva a descobrir a alegria plena e a vida em abundância prometida por Jesus: “Eu vos disse estas coisas para que vossa alegria seja plena”. (Jo 15,11) “Eu vim para que tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10). Isto é viver a sinodalidade, um modo de ser Igreja e na Igreja.



A evolução dos sons: de instrumentos de diversão a jogos

Mariano Diotto, SDB

m.diotto@iusve.it

Quem, dentre vós, não brincou, quando criança com um brinquedo musical, ou mesmo imaginou ser um cantor? A primeira lembrança que eu tenho é a daquela caixa de música colocada em cima do meu berço. Eram animais pendurados no ar que quando se moviam, emitiam um som agradável. E eu, com as mãos, tentava agarrá-los. Penso que seja uma lembrança inconsciente, mas certamente é a primeira que tenho.

A música, desde sempre, acompanha a nossa vida e, não por acaso nossas mães, quando estávamos ainda em faixas, começaram a brincar conosco cantando pequenas canções, ou, então, quando estávamos ainda em seu seio, cantando-as de fora para dentro, onde estávamos.

Pode-se, pois, dizer seguramente que a música desempenha um aspecto lúdico no nosso crescer e nos tornar adultos. Desde os primeiros brinquedos sonoros até aos videogames de hoje.

■ Os brinquedos e a música em nosso tempo de criança

Em nossa infância, todos tivemos brinquedos que emitiam sons: instrumentos, tapetes musicais, bonecas cantoras ou robôs falantes, jogos sonoros de mesa. É belíssimo ver o sorriso de uma criança quando tem em mãos um brinquedo que emite sons! Ela se encanta! Uma recente pesquisa demonstrou que a

experiência musical que vivemos em tenra idade pode aumentar a habilidade em atividades não musicais, como por exemplo, as competências e as funções cognitivas de base que são essenciais para desenvolver tarefas não musicais.

Os pais em geral brincam com a própria voz para estimular a atenção da criança com poesias infantis, fazendo pausas e silêncios, usando o volume alto e baixo, desfrutando de voz aguda e grave, adotando toda a escala de potencialidades sonoras da própria voz imitando sons e animais, dando vida às emoções descritas no texto de um livro ou nas próprias ilustrações.

Utilizar a música como brinquedo permite estimular na criança o desenvolvimento da atenção, da memorização, da coordenação física e motora, da habilidade a interagir



com outras pessoas. A atividade musical assim consegue desenvolver a capacidade de escuta e a observação, fortalecendo as habilidades imaginativas e criativas da criança. O mundo das crianças, portanto, deve ser habitado pelos sons e rumores. As experiências rítmicas permitem, de fato, otimizar as capacidades linguísticas e a velocidade de leitura e são um pré-requisito para aprender a ler e a escrever.

Nos anos Oitenta havia o brinquedo *Simon*, um jogo eletrônico inventado por **Ralph Baer**, que se apresentava como um disco com quatro botões coloridos vermelho, azul, verde e amarelo. Estes botões se iluminavam conforme uma sequência casual e a iluminação de cada botão era associada também à emissão de uma determinada nota musical. Uma vez terminada a sequência, cada jogador devia repeti-la pressionando os botões na mesma ordem. Se acertasse, seria proposta uma nova sequência, igual à precedente, mas com o acréscimo de novo botão e de novo som. Este jogo, sem dúvida, permitia a experiência de novas habilidades intelectuais que, mais tarde se tornariam úteis.

Realmente, a música pode ser uma boa prática que, se usada na família e desenvolvida em continuidade, também em ambientes escolares ou lúdicos, favorece o crescimento das crianças com efeitos duradouros. O hábito musical permite fortalecer a motivação a aprender através do jogo, da brincadeira, que é a união de prazer e diversão.

■ A música como instrumento de imersão nos videogames

A exploração sonora é uma atividade que cobre todo o arco da nossa vida e hoje, atinge o ápice nas gerações dos jovens, através de um dispositivo único que são os videogames. As pesquisas afirmam que nos adolescentes dos 12 aos 16 anos são mais memorizadas as músicas contidas nos videogames do que as “hits” apresentadas pelo rádio.

As produções contidas nas mídias clássicas de fruição, por exemplo, no rádio e na televisão, têm uma linguagem linear e já pré-constituída. Ao invés, no videogame, a linguagem não é linear permitindo a construção de um sistema de compreensão e de memorização que resulta extremamente receptivo por parte do jogador. Havendo

uma participação ativa do jogador, são provocados mecanismos emotivos no cérebro, extremamente complicados para se descrever em sua estrutura, mas extremamente simples e reais de serem vistos e reconhecidos nas pessoas.

De fato, nos jogadores, se realiza um **princípio de imersão** no qual o jogador é tão envolvido por aquilo que está vivendo, que se esquece do mundo que o circunda, alienando-se dos rumores externos e concentrando-se sobre aqueles ligados às ações do videogame e ao tapete musical presente como música de fundo. No momento em que for preciso correr, combater e escapar, a música será muito mais veloz e com sons de muito fortes, de modo a fazer aumentar a adrenalina e os batimentos cardíacos. Quando, ao invés, se chega à meta, se cortará o fio de chegada ou se vencerá o inimigo, haverá uma

música triunfal, cheia de trombetas vibrantes. Por outro lado, nos momentos de calma, de expectativa ou de plenificação de uma estratégia serão os pianos e violinos que irão construir o fundo sonoro.

Mihaly Csikszentmihalyi, psicólogo húngaro, anteriormente migrado dos Estados Unidos, atribuiu um novo significado ao termo inglês *flow* inserindo aí este tipo de alienação da realidade que se realiza nos videogames. Se se analisa em profundidade, este triunfo da invasão na realidade é produzido, seja pelas imagens, como pelos sons usados, ambos empregados nas duas modalidades, mas significativas para o homem que são a cinética (isto é, o movimento) e a prossêmica (isto é, a vizinhança).

Isabella van Elferen, docente de música da Kingston University de Londres, analisou, em uma recente pesquisa, o que acontece na mente do joga-

dor em relação aos sons contidos nos videogames. A música tem condições de produzir estados emocionais semelhantes, mesmo sendo experimentada em modalidades subjetivas, diversas de um sujeito para outro, tendo todos a mesma direção. Embora tendo percepções diferentes, todos os sujeitos chegam a experimentar as mesmas emoções. Isto é devido há uma forma arcaica de descodificação dos sons por parte de todos nós, motivo pelo qual o som do tambor nos transmite energia, enquanto aquele do piano produz afeto e, talvez, o do violino produza tristeza ou melancolia.

O desafio, hoje, é continuar sempre mais na descoberta dos sons e de suas possibilidades expressivas no jogo, na diversão, despertando e ativando motivações, atitudes e comportamentos musicais, sem acomodar-se na repetição ou nos modelos *em voga*.



Cinema e videogames

Andrea Petralia

andrea.petralia95@gmail.com

Cinema e videogame, dois meios diferentes e tão semelhantes, com um “mink de marketing” e uma evolução econômica e comunicativa semelhantes ou, talvez, paralelas. Efetivamente a direção para a qual está tendendo a indústria cinematográfica parece ser a vídeo lúdica. Os motivos desta aproximação podem ser interpretados segundo dois elementos: a digitalização e a usabilidade. Ambos são ligados entre si, desde que foi o processo de digitalização- ao qual se procurou, nos primeiros anos do 2000- modificar o uso dos dois meios de comunicação, até atingir a convergência midiática na divulgação cultural.

Esses meios são utilizáveis em mais de um dispositivo (e-books, plataformas RaiPlay, os podcast de programas de rádio, disponíveis na web) e favorecem o desenvolvimento da comunicação de mídia de massa, que tem hoje, modificado radicalmente a publicidade.

De modo surpreendente, por exemplo, o balanço social do videogame *Fallout*, compartilhou uma campanha para anunciar a chegada de uma série de TV inspirada na saga sobre Amazon Prime Vídeo. *Fallout*, uma saga de videogames ambientais em um futuro pós-apocalíptico entre os séculos XXII e XXIII, pousa na pequena tela e segue as pegadas de *The Last of Us* e *Cyberpunk 2077*.

Esta semelhança deu grande espaço às indústrias para expandir o mercado de seus produtos. Vale lembrar das plataformas de streaming, como *Netflix* para o filme *Xbox Game Pass* os videogames que estão obtendo um enorme sucesso, a ponto de se pensar que terão uma evolução tal a ponto de suplantar, dentro em breve, os melhores sistemas de distribuição. As semelhanças entre os dois meios se manifestam também na produção, por exemplo, a partir dos orçamentos para sua realização. É evidente que um filme pode chegar a ter custos elevados devido a adição dos fatores implicados na produção (os cachês dos atores famosos, o deslocamento do grupo, a preparação

O videogame é «uma mídia que é ao mesmo tempo representação e ação, prática de leitura e prática configurativa, comunicação e evento, mediação e desempenho» (Rune Klevjier, Pesquisador vídeo lúdico).

dos ambientes, o trabalho de pós produção, distribuição e daí por diante); por outro lado, a indústria de jogos está mudando, pois um videogame precisa no trabalho de centenas de profissionais, e de notáveis investimentos, para se tornar um produto de qualidade e estar no mercado.

■ Evolução

Cinema e videogame possuem características em comum em seu desenvolvimento. Nos primeiros anos de vida, o cinema tinha a finalidade de pro-

porcionar um entretenimento popular. A transformação social e estilística desde o “cinema de atrações” ao “cinema narrativo” está, portanto, relacionada à ideia de videogame que, a partir de um simples passatempo tornou-se mais complexo e sofisticado. A era do “videogame de atrações” terminou no fim dos anos 90, quando se começaram a experimentar as capacidades comunicativas e narrativas das mídias. Muitos atribuem a origem deste processo à saída de *Metal Gear Solid*, mas é também verdade que experiências do gênero estavam já acontecendo com resultados relativamente positivos (o primeiro *Final Fantasy*, saindo em 1987, é disto, um exemplo). A própria *Metal Gear Saga* pode ser entendida como uma aproximação da linguagem cinematográfica, e ao mesmo tempo, **Hideo Kojima**, seu autor, foi habilíssimo no progredir com as vias comunicativas vídeo lúdicas, tornando-se um artista do setor. Hoje, parece que esta mídia se esteja orientando para uma forma mais autoral e artística: disto



são testemunho títulos como *Death Stranding* (sempre de Kojima) ou *The Last of Us* part I, que objetivam essencialmente a realização de um produto que possa emocionar, comunicar, além de entreter. Se por um lado se constata uma verdadeira experimentação neste campo, por outro há, em número crescente, uma natural propensão por parte de alguns videogames para o discurso cinematográfico, colocando em segundo plano o “*gameplay*” que, como a montagem para o cinema, é um traço distintivo do vídeo game. O videogame parece estar integrando as características que lhe são próprias (interatividade, controle, identificação) com as estruturas estéticas, técnicas e narrativas do cinema. É, em ato, um verdadeiro e próprio processo de convergência e de intercâmbio entre o cinema e o videogame. Para dizer como **McLuhan** resulta evidente como o videogame tenha incorporado em si, a linguagem cinematográfica reelaborando-a aos próprios fins, e tornando-a, de fato, uma característica que lhe é conatural e imprescindível.

■ Comunicabilidade

É a iconicidade na comunicação que torna o cinema e o videogame diferentes. Um exemplo é o uso da câmera. Na *Sétima Arte*, de fato, se há uma total privatização da imagem em função do autor- diretor, que anula a arbitrariedade da imagem, como era e é para o teatro ou a escultura, na qual o espectador tem a possibilidade de escolher onde procurar. Ao mesmo tempo é a conexão das várias tomadas entre si, isto é, a edição, que realmente afeta o ritmo e permite soluções visuais inesperadas e uma forte narração.

Para os videogames, ao invés, a sala está à disposição direta do jogador. Obviamente, se por um lado isto ajuda o processo de identificação, por outro, sacrifica grande parte da expressividade do autor e, portanto, da força da narração. É por isto que nasceram no videogame os “*Cut scenes*” que permitem nos momentos de *destaque* da trama, colocar em realce os aspectos narrativos e de sacrificar aquela que é a sua componente mais icônica: a interatividade. Porque é justamente a habilidade no saber emocionar, no jogar com o jogador, que tornou e torna os videogames uma mídia para contar histórias e, em certos casos, também

uma forma de arte. É a primeira ocasião verdadeira para o usuário de um trabalho de interagir com ela, e mudá-la: uma possibilidade que grande parte das correntes de Arte Contemporânea tem procurado, rompendo uma secular tradição entre quem cria e quem observa. Se o cinema entra na categoria de videogame, ele possui a intrínseca liberdade revolucionária de tornar autores os espectadores, artífices de um produto que não é seu: aqui está a estrada que o videogame pode percorrer e aqui está a verdadeira revolução da Arte. *Como então, evoluirá a narração cinematográfica e vídeo lúdica?* Cinema e videogame estão destinados a evoluir, a tirar proveito de uma troca recíproca, e a permanecer substancialmente distintos entre si...como duas linhas paradoxais que se aproximam sempre mais, cada um com um valor ontológico próprio, cada um com características peculiares.

O **videogame** é um produto relativamente jovem, com não mais de cinquenta anos de história: no entanto tem conhecido uma evolução sem precedentes, marcada por um ritmo de crescimento diretamente proporcional ao desenvolvimento tecnológico que logo o transformou de uma experiência elitista que só pode ser usado em computadores futuristas, para entretenimento de massa nos consoles relativamente baratos de hoje, que são projetados para potencialmente tomar lugar nas salas de estar de toda a família. As pesquisas de importantes institutos de Pesquisa Econômica nos mostram periodicamente os números impensáveis até dez anos atrás: o volume de negócios ligado ao videogame atingiu proporções notáveis demonstrando como o videogame tem conseguido, hoje, uma porção sempre mais ampla de usuários. No entanto, se se pensa nos primeiros videogames com os quais as crianças dos anos Setenta e Oitenta brincavam na salas de jogo, resulta extremamente difícil compreender como aqueles “pontinhos luminosos em movimento” tenham atingido uma tal difusão a ponto de ter até obtido direito de divulgação através das mídias tradicionais: é evidente que algo mudou; e, realmente, à medida que o videogame se difunde, a sua linguagem se torna mais refinada, herdando as melhores características das mídias afins, se reveste de valências estéticas e se torna mais complexo.

A vida após a Pandemia

de Papa Francisco

Emilia Di Massimo, FMA

emiliadimassimo@libero.it

A reflexão que Papa Francisco tem dedicado à crise da Covid-19 é apresentada no livro “*A vida após a Pandemia*”. O texto recolhe o núcleo, a expressão do Magistério de Francisco em oito textos, do 27 de Março a 22 de abril 2020. “Sugerir uma direção, chaves de leitura e diretrizes para reconstruir um mundo melhor que poderia nascer desta crise da humanidade e semear esperança”, assim escreve no prefácio o Cardeal Michael Czerny, S.J.

■ Reconstruir um mundo melhor...

Papa Francisco diz que é preciso preparar-se para a mudança, olhar para um pós-Covid e, além da ação, é necessário descobrir novamente a oração, para que o olhar volte a orientar-se para a esperança. O percurso indicado no livro é múltiplo e pode ser lido como uma mensagem endereçada à humanidade, segundo a típica abordagem terna e inclusiva de Francisco que considerar as pessoas como uma única família. As reflexões, são universais, não tanto porque o vírus é uma ameaça global, mas porque a realização do mundo pós-Covid é responsabilidade de todo homem. Francisco indica uma oportunidade: ousar fazer o bem e fazê-lo melhor, e é assim que ele se dirige a todos e a cada um como afeto e compaixão, tanto aos Chefes de Estado e de Governo, para que atuem em favor do bem comum, quanto aos chamados “invisíveis”, os quais, provavelmente pela primeira



vez, são reconhecidos como pessoas, levados em consideração, saudados com respeito.

Os conteúdos traçam as coordenadas da existência após a pandemia e interpelam: “o que Francisco realmente quer nos dizer e por quê”? Conscientes de que não se pode deixar que as consequências da pandemia, com seus custos em termos de sofrimento, e vidas humanas, de economia, não nos faça refletir, precisamos aprofundar o pensamento do Papa. Somos conscientes de que não se pode voltar à vida de antes, recomeçando-a de onde foi interrompida; em tal prospectiva os escritos de Francisco podem tornar-se “il filo rosso” que, sintetizado como “visão, empenho, ação, com o sustento da oração”, tem condições de fazer viver a multiplicidade de perguntas que cada um leva em si, pessoalmente e comunitariamente, de ajudar-nos a captar e fazer aflorar aquelas interrogações submersas no coração dos jovens. Neste tempo Pascal de renovação, procuremos amar e valorizar o magnífico dom da casa comum e a cuidar uns dos outros.

■ ... **empreendendo novos caminhos**

A Pandemia Covid-19 é o início de uma nova época que nos pede para assumir nova visão a respeito do próprio eu e do estilo de existência que levamos. É preciso começar a incidir com escolhas que geram modalidades novas, sobretudo relacionais -capazes de nos levar a estarmos ao lado dos outros, ter cuidado, uns com os outros e nos sentirmos todos frágeis, iguais, preciosos. Isto, diz Papa Francisco, pode ser descoberto pelo fato de termos vivido a ausência da Eucaristia à qual voltamos mais disponíveis a fim de que ela se torne sempre mais, um estilo de fraternidade e caridade.

A prospectiva que vem à luz a partir das reflexões do Pontífice parece indicar que com a Pandemia vivemos a experiência da interconexão, da determinação e da solidariedade entre as pessoas, mas,

Com a tempestade caiu o engano daqueles estereótipos com os quais mascarávamos o nosso “ego”, sempre preocupados com a própria imagem e ficou descoberta ainda uma vez aquela (bendita) pertença comum da qual não podemos nos subtrair: a pertença como irmãos.

também, a dolorosa experiência da vulnerabilidade, da convivência forçada, do smart working, da perda do trabalho, dos colapsos econômicos. Toda atividade educativa presencial foi interrompida, no entanto, isto parece ter tornado evidente que é possível mudar, que é realizável uma “conversão permanente”, resoluta e solidária, que permita enfrentar “ameaças maiores e de efeitos mais duradouros” se se compartilha a certeza de que, um vírus que infecta muito mais do que o Covid -19 é “o egoísmo

dos interesses particulares”, a “competição” que o coronavírus demonstrou ser ainda mais “insustentável”. Diante de tal evidência o Papa incentiva a “remover as desigualdades, a sanar a injustiça, a reconhecer-se membros de uma única família”, habitantes da única casa comum”. Não voltar a viver como se nada houvesse acontecido; a vida pós Covid não pode repetir a precedente e, para que, de fato, não seja assim é preciso inaugurar a nova era da solidariedade. Francisco, por conseguinte, exorta a experimentar novas estradas contando com a coragem que nos torna criativos e audazes para encontrar respostas às carências que a pandemia tornou evidentes, co-

meçando pela fraternidade, pelos direitos universais, pelo respeito ao criado. São estas as temáticas a serem propostas aos jovens e a serem vividas, juntamente com eles, na certeza de que nenhuma palavra pode ser explicativa a respeito do porquê da pandemia. É urgente narrar o acontecido para reconhecê-lo e assumi-lo como paradigma evolutivo, em particular relativamente ao tema da morte que, agora mais do que nunca, necessita encontrar a esperança de um além, de confrontar-se mais com a vida.

Vós tendes uma cultura, uma metodologia, mas, sobretudo tendes aquela sabedoria que cresce graças a um fermento particular, a capacidade de sentir como própria a dor dos outros.

O difícil tempo vivido, o tempo futuro, pode ser a oportunidade para o crescimento e a abertura não automática a uma renovação interior: exige, ao invés, um empenho sério e constante; pede implicitamente que se viva junto. A sua concreta realização, diz Francisco, encontra-se na oração que é a via

para sermos discípulos e missionários hoje, para conseguirmos amar, nas diversas circunstâncias com uma diferente visão do mundo e para orientar o olhar para a esperança.



A caminho

Queridos amigos

Eu os saúdo com a bênção de Deus neste tempo *com o desafio* da Pandemia que nos faz ver além. Estamos em um cenário no qual convivem esperança e dor, perda e medo, cura e morte; distanciamento das pessoas queridas, convivência, incertezas em todos os níveis, fé e criatividade, serviço e sacrifício. Não é fácil repensar um novo estilo de relação com os outros, partilhar nos espaços da comunicação digital, confrontar-se em todos os momentos com tantos “protocolos”: a vida mudou!

Que passos dar para inaugurar esta “nova normalidade”? O desafio de nos encontrar neste novo cenário tem estimulado a criatividade, tem nos convidado a sair de nós mesmos e a crescer na solidariedade, no cuidado de todos e da Criação. É um tempo que nos desafia a dar um novo significado à geracionalidade que o C.G. XXIV nos propõe. *Pergunto-me com que atitude assumir o tema do Capítulo como um novo sinal dos tempos?*

Não sei se vocês estão de acordo; penso que desde março (pelo menos na Itália), quando o vírus começou a circular, também um “vírus de graça” passeia no meio de nós: a *sinodalidade*, dom do Espírito Santo. Papa Francisco anunciou o tema do Sínodo Ordinário 2022: **“Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”**.

Portanto, como ser uma Igreja sinodal, um Instituto sinodal? A atitude sinodal constrói a comunhão em todas as Comunidades Educativas, privilegia a participação que inclui a todos, e estimula a ser Igreja e Instituto em saída, com forte entusiasmo missionário.

Alegro-me pelo Instituto ter já levado em consideração este caminho na preparação do próximo CG XXIV; será importante assumir esta práxis sinodal em cada comunidade, na qual, com

os jovens, nos interrogaremos e iremos percorrer estradas inéditas do Espírito, com novas experiências missionárias. Tal práxis é um “vírus sintomático”, porque produz uma mudança visível, credível e consistente.

Diz-se que o mundo precisa aprender a conviver com a Covid-19 e eu creio que também podemos aprender a conviver com novas relações sinodais.

Deixo a vocês algumas perguntas que eu mesma me faço: *o que diriam Dom Bosco e Madre Mazzarello neste tempo de (pós) pandemia, enquanto nos preparamos para o Capítulo Geral? Como pensar uma práxis sinodal que nos leve à conversão e a assumir a novidade do Espírito nas relações e na missão?*

Desejemo-nos um bom caminho na direção do CG XXIV. Até breve!

Palavra de Camilla



Espiritualidade Mariana Salesiana

Maria: Mãe do Anúncio

A palavra que Maria dirige aos servos e aos discípulos de Jesus, “*Fazei tudo aquilo que Ele vos disser*” (Jo. 2,5), revela a sua profundidade no aproximar-se do ministério de Jesus. Esta palavra é quase “um testamento espiritual” entregue aos seus filhos. Maria comunicou o essencial abrindo os corações a Jesus, pois só Ele tem “palavras de vida eterna» (Jo. 6,68).

Maria, portanto, conduz ao seguimento de Jesus, a obedecer à Palavra e a considerá-Lo como referência absoluta.

O “*Fazei aquilo que Ele vos disser*” pronunciado por Maria é uma exortação amadurecida a partir da experiência pessoal. A palavra entra no coração e na vida do interlocutor somente se brota do coração e da vida de quem a pronuncia. Maria, especialista em confiar na Palavra de Deus, pode então ajudar os outros para que o façam igualmente. Sua fé é contagiosa: o *fiat* vivido em profundidade se torna o “*fazei*” convincente dirigido a outros.

Para as Comunidades Educativas, chamadas a ser entre os jovens, sinal e expressão do amor proveniente de Deus, a imagem de Maria em Caná é particularmente iluminadora. Somente uma profunda intimidade com Deus e uma sábia compreensão do mundo e de suas necessidades, podem tornar eficaz a ação educativa. O *fazei* dirigido aos jovens é precedido pela oração de confiança: “*Eles não têm mais vinho*” e nasce sempre do *fiat* em adesão a Deus. Completamente abandonada em Deus, empenhada no avançar constantemente “na peregrinação de fé” Maria sintonizou-se lentamente e profundamente com Deus. Pela sua viva fé e pelo seu “guardar todas as coisas, meditando-as no coração” (Lc 2,19,51) ela chega a um forte entendimento com Jesus, chega a sentir palpitar dentro de si o coração de Deus. A missão educativa salesiana é semelhante àquela de Maria: suscitar questões de sentido, educar à fé, levar os jovens a Jesus, para que possam ser atraídos por Ele.

É necessário, porém, que cada um seja atraído, feliz, apaixonado, sintonizado com o coração de Deus. «*Não pode ser aquecido – diz Santo Ambrósio – quem não está próximo do fogo ardente: e não pode aquecer o outro quem não tem Cristo para si*». Maria suscita a fé nos outros a partir da sua obediência na fé.



▲
Beata Virgem Maria
Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos
Tailândia

Para refletir e rezar:

- Como Maria nos ensina a sermos sinais do amor proveniente do Pai?
- A relação filial com Maria renova a coragem de educar à fé, nos diversos contextos nos quais somos chamados a evangelizar?

“O **Sistema Preventivo** que é luz e força para
“caminhar juntos” e cultivar *o estilo sinodal*:
o sentido sagrado da pessoa humana, o acolhimento
alegre e familiar, gratuidade, proximidade,
corresponsabilidade, integração”.

(Mãe Yvonne Reungoat, *A sinodalidade como estilo de vida*. Circular n. 988)



Istituto Figlie di Maria Ausiliatrice
Salesiane di Don Bosco

